

ENTREVISTA: DICK CARLOS DE GEUS

paraná cooperativo

Ano 6
Número 67
Abril • 2011



Av. Cândido de Abreu, 501 - 80530-000 - Curitiba - PR - www.ocoepar.org.br



Capal • Castrolanda • Batavo
UM PEDAÇO DA HOLANDA NO PR

Ocepar, 40 anos: orgulho do cooperativismo paranaense.



O cooperativismo do Paraná é um dos mais organizados, respeitados e eficientes do Brasil. Não por acaso, as cooperativas paranaenses estão entre as melhores do país.

Ao completar quatro décadas de existência, a Ocepar colhe os frutos de um trabalho sério e profissional na representação e defesa dos interesses do cooperativismo e sindicalismo cooperativo paranaense.

Homenagem da Coamo e da Credicoamo aos 40 anos da Ocepar.



OCEPAR 40 anos construindo o futuro.



COAMO
Forte como o homem do campo.

CRÉDICOAMO
O homem do campo assina embaixo.

O centenário da imigração holandesa

João Paulo Koslovski

Presidente do Sistema OCEPAR



Em 2011, a imigração holandesa comemora 100 anos no Brasil. Para nós, cooperativistas, este momento tem um sabor ainda mais especial, porque foi com o apoio das cooperativas que o povo holandês escreveu sua história no Paraná. Uma história carregada de trabalho, religiosidade e crença.

Os primeiros pioneiros chegaram em 1909 ao Paraná, instalando-se, inicialmente, em Irati. Ali, as muitas dificuldades, principalmente a escassez de alimentos e as doenças, que culminaram em vários óbitos, fizeram muitas famílias holandesas retornarem ao seu país de origem. Mas um grupo não sucumbiu diante da vontade de regressar à Holanda e optou por tentar a sorte em Carambeí, para onde as poucas famílias mudaram em 1911, dando início oficialmente a trajetória dos imigrantes na região dos Campos Gerais.

Em Carambeí, os holandeses encontraram uma realidade dura e difícil. A colônia nada mais era do que uma fazenda de cerca de 10 mil hectares, situada entre as cidades de Ponta Grossa e Castro. O solo era fraco e arenoso. Havia tudo para ser feito e construído. Decidiram, então, se unir e, juntos, criaram a Batavo, em 1925, a primeira cooperativa de produção e também, anos mais tarde, a primeira que partiu para a agroindustrialização no País. Depois, em 1950, surgiu a Castrolanda, e quase uma década depois, a Capal. As três formam o Grupo ABC e, juntas, possuem cerca de 2 mil cooperados e somam mais de R\$ 2 bilhões em faturamento.

Apoiados em suas cooperativas, os holandeses transformaram Carambeí, Castro e Arapoti, na principal bacia leiteira do País, uma referência em qualidade e tecnologia de ponta na produção de laticínios. Na agricultura, o esforço concentrou-se em cultivar riqueza nas terras pouco produtivas dos Campos Gerais. Além de buscar conhecimento e informação diretamente na Holanda, os imigrantes mais uma vez contaram com a ajuda de suas cooperativas. A Batavo e as cooperativas Castrolanda e Capal colocaram seus

departamentos técnicos à disposição dos agricultores para que eles buscassem uma solução eficiente para tornar o solo mais rico e com menos erosão. Foi assim que o sistema de plantio direto se difundiu na região e, hoje, é adotado em várias partes do Paraná e do Brasil. A tentativa de vencer as dificuldades também resultou na constituição na Central de Laticínios do Paraná (CCLPL) e depois, na década de 1980, na criação da Fundação ABC. Isto mostrou mais uma vez o olhar visionário dos imigrantes holandeses e, conseqüentemente, das nossas cooperativas, pois fazer pesquisa aplicada e difundir tecnologia significa investir na transformação econômica e social de uma região. E neste sentido a Fundação ABC cumpre bem o seu papel.

Foi assim que a dedicação dos imigrantes, aliada ao conhecimento voltado ao manejo da terra e do gado, trouxe um crescimento extraordinário para a região, provando, mais uma vez, que o cooperativismo é um instrumento eficaz para o desenvolvimento econômico e social das cidades e, principalmente, das pessoas.

Em reconhecimento à importante contribuição dos holandeses para o desenvolvimento do cooperativismo e do Paraná, o Sistema Ocepar, representando todas as cooperativas do Estado, não poderia deixar de participar das festividades em torno do centenário da imigração holandesa, ocorridas no mês de abril, em Carambeí. Foi com muita alegria que entregamos o Troféu Cooperativas, Orgulho do Paraná a Dick Carlos de Geus, o entrevistado desta edição da Revista Paraná Cooperativo, em reconhecimento à contribuição dos holandeses para o desenvolvimento do cooperativismo e do Paraná.

Nós desejamos que o povo holandês e seus descendentes, que escolheram o Paraná como sua nova pátria, continuem trabalhando no mesmo ritmo que há cem anos, porque precisamos fazer com que as pessoas tenham, cada vez mais, melhores condições de vida. E o cooperativismo é o melhor instrumento para propiciar esse desenvolvimento.

Assuntos em destaque

A comemoração dos cem anos da imigração holandesa é destaque desta edição da Revista Paraná Cooperativo. A contribuição dos holandeses para o desenvolvimento do cooperativismo paranaense e para o crescimento econômico e social da região dos Campos Gerais é bastante rica, motivo pelo qual buscou-se fazer um resgate histórico da presença dos imigrantes no Paraná, mas sem deixar de mencionar o importante papel que o cooperativismo desempenhou neste processo. Uma justa homenagem a um povo que, com muito esforço e união, soube vencer as dificuldades e desbravar uma terra desconhecida. Mas também um reconhecimento ao trabalho que as cooperativas realizaram para que os imigrantes tivessem meios de produzir, comercializar, enfim, de firmar sua presença em solo brasileiro.

A mobilização em torno da votação do Projeto de Lei 1.876/99, que atualiza o Código Florestal brasileiro, também é assunto da Revista Paraná Cooperativo. Além de mostrar os intensos debates ocorridos em Brasília, no início do mês de maio, a matéria destaca os pontos que o setor produtivo considera fundamentais na proposta. O objetivo é mostrar que para as cooperativas o foco da discussão é a tentativa de criar no Brasil uma lei pautada no equilíbrio entre a produção agropecuária e a preservação ambiental, ambas necessárias para a sobrevivência de toda a população.

O leitor encontra ainda matéria mostrando os resultados positivos obtidos a partir das propostas e pleitos defendidos pelo Sistema Ocepar e por dirigentes cooperativistas do Paraná junto ao poder público. Com o propósito de defender os interesses do cooperativismo, foi elaborada uma agenda permanente de trabalho, estabelecida em sintonia com as demandas do setor. Um trabalho que tem gerado muitas conquistas, a exemplo da decisão do governo federal de prorrogar o prazo de vigência da nova classificação do trigo do dia 1º de julho de 2011 para 1º de julho de 2012, bem como o novo padrão de classificação do milho, que deverá entrar em vigor a partir de julho de 2012.

Completam esta edição assuntos como o Prêmio Ocepar de Jornalismo; a redução da área plantada com trigo no Brasil, reflexo direto da inexistência de uma política de incentivo ao plantio; e novidades envolvendo os ramos crédito e saúde no Paraná.

Boa Leitura!

06



Entrevista: Dick Carlos de Geus, presidente da Associação Parque Histórico de Carambeí, fala sobre o legado da imigração holandesa nos Campos Gerais



10

Especial: conheça a saga da presença holandesa no Brasil, que há 100 anos se iniciava no Paraná com um projeto de colonização tendo por base o cooperativismo, a escola e a fé

22



Código Florestal entra na pauta de votações da Câmara Federal, e setor produtivo se mobiliza para sua aprovação

32

Setor cooperativista se organiza em torno das reivindicações defendidas junto ao poder público



26

Falta de incentivo à produção de trigo desestimula agricultores e área de plantio reduzirá no Paraná

28



Exportações: cooperativas paranaenses ampliam embarques de produtos industrializados



30

Prêmios Ocepar e Unimed de Jornalismo são lançados no interior do estado, reunindo mais de 550 profissionais

38

Intercooperação:
Copacol e Coagru unem forças no abate e produção de aves

39

Fórum Financeiro da Ocepar debate câmbio e economistas avaliam riscos da volta da inflação

DIRETORIA DA OCEPAR

Presidente

João Paulo Koslovski

Diretores

José Aroldo Gallassini
Jorge Karl
Manfred Alfonso Dasenbrock
Orestes Barrozo Medeiros Pullin
Paulino Capelin Fachin
Renato José Bezele
Valter Vanzella
Alfredo Lang
Carlos Yoshio Murate
José Fernandes Jardim Júnior
Luiz Roberto Baggio
Marino Delgado
Renato João de Castro Greidanus
Ricardo Silvio Chapla

Conselho Fiscal

Titulares

Miguel Rubens Tranin
Gaspar de Geus
Paulo Henrique Cariani

Suplentes

Antônio Sérgio de Oliveira
Valdir Luiz Ferst

Superintendente

José Roberto Ricken

Superintendente Adjunto:

Nelson Costa

DIRETORIA DO SESCOOP/PR

Presidente

João Paulo Koslovski

Conselho Administrativo

Titulares

Jorge Karl
Jaime Basso
Soraya Galvão
Wilson Thiesen

Suplentes

Alvaro Jabur
Valter Vanzella
Prentice Baltazar Júnior
Renato Nóbile

Conselho Fiscal

Titulares

Luiz Humberto de Souza Daniel
Edvino Schadeck
Amliton Pires Ribas

Suplentes

Luiz Roberto Baggio
Sebaldo Waclawosky
Marcos Antonio Primão

Superintendente

José Roberto Ricken

EXPEDIENTE

Revista Paraná Cooperativo:

Assessoria de Imprensa do Sistema Ocepar/Sescoop/PR.
Editor Responsável: Samuel Zanello Milléo Filho (DRT/PR 3041) **Edição e Redação:** Ricardo Rossi, Marli Vieira e Lucia Massae Suzukawa. **Diagramação:** Israel Felipe Silva. **Fotos:** Imprensa Ocepar. **Fotos Capa:** Arquivo Ocepar. **Conselho Editorial:** João Paulo Koslovski, José Roberto Ricken, Nelson Costa, Flávio Turra, Gerson Laueremann, Leonardo Boesche, Samuel Zanello Milléo Filho. **CTP e impressão:** Gráfica Radial. **Redação:** Av. Cândido de Abreu, 501, CEP 80530-000, Centro Cívico, Curitiba - Paraná. **Telefone:** (41) 3200-1100 / (41) 3200-1109. **Endereço Eletrônico:** imprensa@ocepar.org.br
Página na Internet: www.ocepar.org.br
As matérias desta publicação podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.

Dick Carlos de Geus

Presidente da Associação Parque Histórico de Carambeí, ex-presidente da Batavo e da Ocepar

O legado holandês nos Campos Gerais

“Ao se estudar a história da imigração holandesa no Paraná, o que fica evidente é a contribuição essencial do trabalho em conjunto. Onde existe união e vontade, é possível vencer e prosperar. Essa lição não pode ser esquecida pelos mais jovens”, afirma o presidente da Associação Parque Histórico de Carambeí, Dick Carlos de Geus. Filho de imigrantes, ex-presidente da Ocepar e da Batavo, Geus mergulhou com afinco na missão de construir um local que pudesse preservar a memória das colônias holandesas

no Paraná. Dessa imersão, além do Parque Histórico, inaugurado em abril, Dick resgatou ações e atitudes de um passado de dificuldades, superado pelo trabalho persistente e, muitas vezes, visionário dos pioneiros. “As experiências de cooperados dos Campos Gerais, fomentadas pelas cooperativas ABC, foram muito importantes para a evolução da agropecuária brasileira. Um exemplo é o desenvolvimento e difusão do plantio direto”, lembra o dirigente. “Tudo se viabilizou porque os imigrantes e seus descendentes souberam construir uma estru-

tura de trabalho baseada no cooperativismo”, complementa.

Segundo ele, o objetivo do Parque Histórico, além de resguardar a memória, é fazer uma ponte, uma conexão entre o passado e o futuro. Para isso, novos espaços temáticos estão sendo projetados, entre eles o museu do cooperativismo. “É uma homenagem aos imigrantes e também ao país que os recebeu de braços abertos”, enfatiza.

Aos 70 anos de idade e com mais de 40 de atuação no cooperativismo, Dick começou como estagiário na Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCLPL), em 1962, na qual foi vice-presidente e presidente. Na Batavo foi diretor executivo e depois presidente. Em 1993 foi eleito presidente da Ocepar, período em que exerceu também o cargo de vice-presidente da OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), onde ficou até 1998. Em 2004, foi eleito presidente da Cooptur (Cooperativa Paranaense de Turismo). Em entrevista exclusiva à revista Paraná Cooperativo, Dick relata parte da história da imigração, e aponta as razões do sucesso das colônias organizadas em torno das cooperativas. “O cooperativismo é sem dúvida a mais democrática, igualitária e justa organização econômica que pode existir, na qual o cooperado, seja grande ou pequeno, tem voz e participação ativa”, conclui.



Paraná Cooperativo - Em que ano sua família chegou ao Paraná e que cenário encontrou?

Dick Carlos de Geus - Meu pai veio para o Brasil em 1913, com 15 anos de idade. Minha mãe chegou ao país em 1909, se estabelecendo com meus avós em Irati, onde ficaram por volta de 1 ano. Em 1911, meu avô, Jan Verschoor, pai de minha mãe, foi o primeiro imigrante holandês que pisou nas terras de Carambeí. Ele chegou à região com seu irmão. Na época já tinham algumas famílias alemãs trabalhando na construção da estrada de ferro, fornecendo algum leite, tinham algumas vaquinhas, para uma pequena fabriquetta que a companhia construtora possuía. Meu avô voltou para a Holanda e no mesmo ano trouxe com ele mais imigrantes. Em 1912 e em 1913 vieram outros familiares e mais umas trinta ou quarenta pessoas.

Paraná Cooperativo - Os primeiros imigrantes chegaram ao Paraná em 1909, dois anos antes, portanto, de 1911, e se estabeleceram em Irati?

Dick Carlos de Geus - Era um projeto grande de imigração em Irati, com mais de 200 famílias. Mas muitas voltaram, porque estavam passando por sérias dificuldades - fome e doenças. Muitas pessoas morreram, e por isso algumas saíram de lá, como foi o caso do meu avô materno. E dessa fuga de Irati surgiu Carambeí. Irati era uma região com mato fechado e Carambeí eram campos, com menos incidência de doenças, portanto, a perspectiva era mais favorável.

A única coisa negativa era o solo muito pobre. Mas isso, ao longo dos anos, os imigrantes e descendentes foram em busca de informações de como plantar, tratar doenças de gado, fabricar queijos com um pouco mais de tecnologia. Às vezes as informações demoravam pra chegar, mas vinham. Isto foi muito importante.

Paraná Cooperativo - Escola, igreja e cooperativismo são apontados como pilares para o sucesso da colonização holandesa nos Campos Gerais?

Dick Carlos de Geus - Sem dúvida foram os pilares do sucesso dos projetos de colonização dos imigrantes holandeses. A busca por conhecimento, a reli-

gião, as pessoas unidas, caminhando lado a lado, apoiando e incentivando, orando, mas também trabalhando, e mais tarde o cooperativismo, que chegou em 1925 e foi o braço comercial da comunidade. A formação da cooperativa mostrou-se logo extremamente importante, porque alguns anos mais tarde, na grande depressão mundial, de 1929 a 1931, o mundo entrou em crise, e se não tivéssemos a cooperativa a colônia teria sucumbido.

Paraná Cooperativo - Costuma-se afirmar que os imigrantes holandeses tinham conhecimentos sobre o cooperativismo e se organizaram previamente à vinda para o Brasil. Isso de fato ocorreu?

Dick Carlos de Geus - Ao contrário do que muitos pensam, eles não tinham muito conhecimento sobre cooperativismo, apenas tinham ouvido falar na Holan-

“ O cooperativismo foi um dos pilares do sucesso da imigração holandesa. Sem a cooperativa, a colônia teria sucumbido durante a crise mundial de 1929 ”

da que existiam cooperativas, nas quais as pessoas tentavam conjuntamente desenvolver uma atividade. Realmente existe essa impressão de que eles já vieram para o Brasil com o conhecimento do que é o cooperativismo, mas não foi bem assim. Essa organização ocorreu sim no projeto de imigração que deu origem à Castrolanda, a partir da década de 1950. Mas, com os pioneiros de Carambeí, no começo do século 20, não foi bem assim. O que os motivou foi uma questão de sobrevivência da colônia. Quando a construção da ferrovia foi concluída, o povo teve que se virar, e fazer o quê com o leite? Produzir queijo e manteiga foi a saída, mas existiam diversas fabriquetas pequenas em Carambeí, e os imigrantes moravam juntos, na mesma comunidade, iam para a igreja lado a lado, mas na hora de comer-

cializar estavam concorrendo uns com os outros. Chegou-se num ponto de disparidade, em que alguns estavam crescendo e outros empobrecendo. Até que em 1925 uniram-se e criaram a Batavo. Foi a coisa mais brilhante que poderia ter acontecido. Fundaram uma cooperativa de fato, não de direito, porque nessa época não havia nem estatuto. Só em 1941, a Batavo foi oficializada. O grupo que a formou era pequeno, apenas sete pessoas, foi um ato singelo e simples, mas que deu grandes resultados. Durante muito tempo, principalmente no passado, a Batavo foi uma referência para a constituição de novas cooperativas.

Paraná Cooperativo - Quando começou seu envolvimento direto com uma cooperativa e o que o cooperativismo representa na sua vida?

Dick Carlos de Geus - Meu envolvimento com uma cooperativa teve início em 1962, quando comecei a trabalhar como estagiário na Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCLPL). Em 1963 tornei-me cooperado da Batavo, mas foi na Central que fiz minha carreira no cooperativismo. Da área industrial, fui para a administrativa, cheguei ao cargo de gerente e diretor. Em 1986, assumi a presidência da cooperativa Batavo, onde já havia trabalhado, durante sete anos, como diretor executivo. Ao todo, foram mais de 40 anos de vivência em cooperativismo, incluindo minha passagem pela Ocepar, que presidi por um mandato, na gestão de 1993/1995. Na minha carreira dentro do cooperativismo aprendi, de maneira contundente, a lição que a filosofia cooperativista ensina, que é a empresa mais democrática, igualitária e justa que existe nos sistemas empresariais, em função da possibilidade de participação direta do associado, seja ele pequeno ou grande, tem voz, e pode se manifestar numa assembleia, opinar, questionar e mudar os rumos de sua cooperativa. Numa empresa comum, isto não acontece. Também os aspectos sociais são importantes. Posso afirmar que o cooperativismo está dentro de mim, mesmo depois de aposentado, continuo atuando junto à Cooptur (Cooperativa Paranaense de Turismo), e ainda tenho a convivência diária na Batavo, onde procuro estar sempre presente. Tenho afirmado durante os últimos anos: se você quer trabalhar e crescer, principal- ▶

mente numa nova fronteira agrícola ou até dentro da sua região, a cooperativa é o melhor caminho.

Paraná Cooperativo - O senhor considera Batavo, Castrolanda e Capal como referências em gestão?

Dick Carlos de Geus -

Não são as maiores cooperativas do Paraná, mas são bastante compromissadas com os cooperados. Elas possuem um número menor de cooperados, e a participação em reuniões é expressiva, e há muito questionamento. Percebe-se nas assembleias, que as diretorias são muito questionadas, indagadas e cobradas. Se a cooperativa não tem uma equipe boa, não sobrevive. Isto é bom, faz parte do processo, a cooperativa tem que ser fiscalizada por todo o seu corpo social, e não apenas pelo conselho de administração. Na maioria das vezes, a pressão é positiva. É preciso saber crescer com as críticas. Eu entendo que não precisa haver uma administração centralizada. Se você tem diretores capazes, por que não delegar? Para mim, controle e gestão são coisas diferentes. A diretoria direciona e os executivos resolvem. É claro que os gerentes contratados devem prestar contas para a diretoria todos os dias, mensalmente para o conselho e uma vez por ano para a assembleia.

Paraná Cooperativo - Se num primeiro momento a agricultura era algo de pouco alcance, a partir da década de 1970 os Campos Gerais tornaram-se difusores de novas tecnologias e manejo.

Dick Carlos de Geus - Sempre digo que a participação dos imigrantes holandeses e seus descendentes foi bastante expressiva, embora fossem poucos, mas tiveram uma participação importante no processo evolutivo da agropecuária brasileira. Na região de Carambeí, meu pai foi um dos primeiros a iniciar com a agricultura em maior escala. Naquele tempo se plantava arroz em 5 ou 10 hectares, e meu pai, na década de 1950, arrendou uma área de 60 hectares e plantou arroz – a soja só surgiria mais tarde.

Num primeiro momento a experiência deu certo, e então se começou a trabalhar em grande escala. Mas a lavoura de arroz rapidamente infestava de ervas daninhas, era preciso trocar de área constantemente, e os fazendeiros de gado começaram a arrendar terras para os produtores da Batavo e tiveram início os grandes pro-



“ **As cooperativas e os produtores dos Campos Gerais deram importante contribuição para a evolução da agropecuária brasileira. Um exemplo é o plantio direto, que se desenvolveu na região** ”

blemas de erosão. Com o advento da soja e do milho, a situação ficou mais grave ainda. Mas trabalhou-se com curvas de nível, base estreita ou larga, e depois, nos meados dos anos 70, somente com o plantio direto, que foi a solução definitiva. Além do empenho forte de muitos produtores, foi extremamente importante o fato de termos trazido pessoas de fora,

com dedicação exclusiva na área de adaptação de máquinas e implementos para o plantio direto. Pessoas como o engenheiro agrônomo Hans Peeten, que hoje vive na Holanda, e que foi um dinamo, dia e noite estava na oficina testando, soldando, mexendo e adaptando equipamentos. Cooperados da Batavo fizeram experiências fundamentais para a difusão das novas tecnologias. Exemplos são o Franke Dijkstra e o Nonô Pereira, entre outros, que acreditaram que se podia avançar e se tornaram vencedores. O plantio direto se alastrou. A mesma coisa na pecuária leiteira, com o empenho de pessoas que tinham conhecimento muito forte na genética, e foram buscar informações na Holanda e no mundo todo. Investiram em melhorias genéticas e as compensações são perceptíveis hoje. Não é por acaso que as vacinhas, que antigamente davam 5 litros de leite por dia, hoje dão 50 litros, até 70 litros/dia. Nossa região participou do processo de melhoria genética, de nutrição e manejo, e temos hoje um padrão de gado leiteiro ao mesmo nível dos países mais avançados do mundo. E na agricultura é a mesma coisa. No Brasil, na agropecuária, não devemos nada a ninguém em matéria de tecnologia e produtividade.

Paraná Cooperativo - Passados 100 anos, pode-se dizer que o desejo dos imigrantes holandeses de se desenvolverem e prosperarem num país distante, se concretizou de forma inquestionável?

Dick Carlos de Geus - Sem dúvida. Nas festividades dos 100 anos da imigração holandesa temos enfatizado que tudo que as colônias conquistaram só foi possível porque o Brasil ofereceu as condições para que isso se realizasse. Embora o país não pudesse ajudar muito em tecnologia e infraestrutura, dava e deu sempre plena liberdade para que cada um pudesse crescer no desenvolvimento de sua propriedade e de suas criações. Nunca houve nenhuma perseguição, por nenhum fator. Todos conhecemos histórias de imigrações em outros países onde, muitas vezes, os imigrantes foram discriminados e perseguidos. E ▶

o Brasil, nesse aspecto, foi e continua sendo um país maravilhoso, que recebeu todas as etnias de braços abertos.

Paraná Cooperativo - As cooperativas ABC atuam em mercados de forte competitividade. Qual é, na sua opinião, o caminho a ser trilhado para manter o desenvolvimento e a sustentabilidade?

Dick Carlos de Geus - Penso que é preciso manter o processo de agregação de valor à produção dos cooperados, por meio da verticalização e agroindústria. Embora, por uma série de razões, as cooperativas ABC tenham se desfeito da marca Batavo, no fundo, dentro de cada cooperado, existe o entendimento de que a verticalização é o caminho a ser trilhado. Na Batavo a agroindústria é uma tradição que vem desde 1914, quando a primeira fábrica de queijos foi construída em Carambeí. Construíram quando a companhia da estrada de ferro acabou, para agregar valor ao leite produzido. Começaram a industrializar e vender queijo em Castro, Ponta Grossa, Curitiba e depois em São Paulo. A Castrolanda está atuando no processamento de leite e batatas e a Batavo vai retomar a industrialização. É um novo momento, e as pessoas das comunidades holandesas que não acreditavam em agregação de valor hoje sentem que devem seguir por esse caminho, buscando oportunidades e mercados que remunerem melhor o seu produto. Se existem nichos, eles devem ser aproveitados. Nós do ABC temos condições, em função da nossa matéria-prima de alta qualidade, de colocar no mercado produtos diferenciados. E esse caminho pode ser trilhado por meio da intercooperação. Se a legislação encarece uma central, vamos nos interligar e trabalhar em conjunto onde cada um tenha sua autonomia, mas nos pontos básicos, nos quais se consegue vislumbrar coisas interessantes, nichos ou oportunidades, isso tem que ser aproveitado via intercooperação.

Paraná Cooperativo - Vivemos num tempo em que a individualidade e a competitividade parecem sobressair sobre os valores da ação coletiva e solidária. Como manter as novas gerações conectadas às referências históricas e culturais da imigração holandesa, sobretudo na região do ABC?

Dick Carlos de Geus - Existem muitos caminhos para evitar que percam as referências de união, trabalho e superação dos pioneiros. Um exemplo é a construção do Parque Histórico em Carambeí, que será em parte um museu aberto que narra toda a saga dos imigrantes, o que por si só já é uma referência importante para as novas gerações. O que fica evidente ao se avaliar a história das colônias de imigração é a contribuição essencial do trabalho em conjunto. Onde existe união e vontade, e uma busca constante por tecnologia e conhecimento, é possível vencer e prosperar. Essa lição não pode ser esquecida pelos mais jovens.

Nesse sentido, a Ocepar, por meio do Sescop/PR, tem um papel importante de profissionalizar e educar, principalmente os jovens cooperados, para que

“ **É fundamental desenvolver e trabalhar na difusão dos valores do cooperativismo. O Parque Histórico de Carambeí tem esse objetivo e pretende fazer uma conexão entre o passado e o futuro** ”

cada vez mais eles conheçam a importância do cooperativismo, de se trabalhar em conjunto, os valores e os princípios dessa filosofia. Temos também trabalhado de uma forma muito forte na Coopur, em parceria com o Sescop/PR, nas imersões cooperativistas, mostrando aos cooperados, colaboradores e familiares lugares e histórias construídas graças ao cooperativismo. Muitas pessoas, depois de participarem da imersão, relatam que desconheciam a riqueza e as conquistas do cooperativismo do Paraná, o que é uma resposta positiva, porque elas começam a perceber a importância das cooperativas e por que deram certo. É fundamental desenvolver e trabalhar na difusão dos valores do cooperativismo.

Paraná Cooperativo - O Parque Histórico da Imigração tem uma forte preocupação de preservar e educar, mas também quer gerar reflexão sobre o futuro?

Dick Carlos de Geus - A ideia básica do Parque era fazer uma vila histórica, isso está feito, com a história da Holanda e um museu da imigração. Os outros três projetos são o centro cultural, o parque das águas e a minifazenda. Além de mostrar o passado, queremos deixar bastante forte a questão do futuro, a importância da água, a sustentabilidade, o meio ambiente, temas que serão retratados no Parque também. Os visitantes vão conhecer os detalhes do passado, de que forma chegamos até aqui, e também poderão refletir sobre o que precisamos e devemos fazer para sobreviver nos próximos séculos. Vamos ter que cuidar dos aspectos da sustentabilidade, com enfoque em tratamento de resíduos e uso das águas. No Parque vamos ter uma área sobre a engenharia das águas e uma minifazenda, duas atrações educativas que serão construídas. O centro de cultura falará do passado e do presente, buscando construir uma ponte entre a imigração e o futuro.

Já temos uma grande demanda por visitas, desde crianças do jardim de infância até estudantes do terceiro grau. Vamos ter também museus da mecanização agrícola e do cooperativismo. Entendo que o Parque é uma retribuição que os descendentes dos imigrantes estão dando ao país que recebeu nossos antepassados e, ao mesmo tempo, é uma homenagem às pessoas que sempre lutaram, no passado, para que tivéssemos sucesso.

Paraná Cooperativo - Em sua atuação no Parque Histórico, o senhor mergulhou na saga dos holandeses no Brasil. Qual o legado que permanecerá nessa bem-sucedida experiência de imigração?

Dick Carlos de Geus - Tudo se viabilizou principalmente porque soube construir uma estrutura baseada no cooperativismo, na união de esforços, isso juntamente com a fé e a busca constante de avanços tecnológicos. Se você une esses três fatores, vai chegar aonde qualquer país e cidade gostaria de chegar, tendo uma convivência social harmoniosa e progressista. Não adianta estar tranquilo, mas sem perspectivas, essa busca, esse crescimento faz parte do ser humano e deve ser fomentado, isso nas cooperativas é constante, o fomento ao desenvolvimento de uma maneira sustentável e harmônica. ■

Presença

holandesa no PR

Em 1911, um pequeno grupo de holandeses chegou em Carambeí, cidade da região do centro-sul paranaense, a 139 quilômetros de Curitiba, capital do Estado. Eram apenas três famílias vindas da colônia de Gonçalves Junior, próximo à cidade de Irati: Jan Verschoor, Leedert Verschoor e Jan Vriesmann. Outras vieram em seguida, diretamente da Holanda, atraídas pelas facilidades oferecidas aos colonos pela Brazil Railway Company, empresa responsável pela construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e que estava vendendo lotes com prazo de pagamento de dez anos, incluindo, para cada família, uma morada, dois bois, um arado, seis vacas leiteiras e adubos. Tão logo se estabeleceram nas terras da Fazenda Carambeí, que no tupi-guarani significa “Rio das Tartarugas”, lançaram-se à fabricação e comercialização de queijo, produto mais lucrativo que a venda do leite *in natura*.

A ideia básica era que, para sobreviver, seria preciso trabalhar em grupo. Em terras brasileiras, nenhum holandês chegaria a lugar nenhum sozinho, tornando necessária a existência de uma organização que atendesse as necessidades de compra e venda de insumos, bem como intermediasse a comercialização da produção agrícola. Por este motivo, seguramente, uma das principais heranças dos imigrantes holandeses é a constituição de três importantes cooperativas do estado: a Batavo,

de Carambeí; a Castrolanda, de Castro, e a Capal, de Arapoti, as chamadas cooperativas ABC.

Juntas, possuem cerca de 2 mil cooperados, geram 1.500 empregos diretos e somam faturamento anual superior a R\$ 2 bilhões e, em 2010, atingiram cerca de R\$ 90 milhões em sobras de exercício. A importância socioeconômica dessas cooperativas, a união delas em prol da região dos Campos Gerais fica evidente em vários momentos da história dos holandeses no Paraná, como na constituição da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCL-PL), em 1954, e depois na criação, em 1984, da Fundação ABC, braço tecnológico das cooperativas e cooperados dos Campos Gerais.

Tecnologia e transformação - Apoiados em suas cooperativas, os holandeses transformaram Carambeí, Castro e Arapoti, na maior e mais tecnicada bacia leiteira do país, com uma surpreendente produção diária de 20 litros de leite por animal, enquanto a média nacional é de quatro litros. A produção total é de cerca de 300 milhões de litros/ano. Na agricultura, o esforço concentrou-se em cultivar riqueza nas terras pouco produtivas dos Campos Gerais, investindo para isso em tecnologia e na adoção de novas formas de cultivo, entre as quais o plantio direto, técnica difundida pelas cooperativas dos Campos Gerais e que hoje é adotada em todo o Brasil.

Há 100 anos os imigrantes batavos iniciavam, nos Campos Gerais, um novo e exemplar capítulo de colonização, que evoluiu com trabalho árduo, cooperação e fé

No cooperativismo, o legado dos imigrantes é exemplar. Cabe destacar, por exemplo, que os batavos contribuíram para a formação do modelo co-



Fotos: APCH



operativista praticado atualmente no Paraná, principalmente no que se refere à organização, gestão e assistência técnica. No campo econômico e social, a presença das cooperativas impulsionou o desenvolvimento da região dos Campos Gerais. Uma passagem do livro “Pioneiros do Futuro, 85 anos da Batavo Cooperativa Agroindustrial”, retrata bem a estreita ligação entre o cooperativismo e a trajetória dos imigrantes holandeses no Paraná:

“Em 1925, quando fundaram a Cooperativa, os pioneiros batavos não tinham ideia de que estavam fazendo nascer ali uma profunda e determinante relação com as colônias e que a própria colônia, com o passar do tempo, se transformaria em distrito e depois em município. O que originalmente era pra ser um empreendimento capaz de garantir a sobrevivência de seus fundadores, tornou-se o núcleo ao redor do qual passaram a gravitar todos os que, desde então, têm vivido em Carambeí.”

Centenário – Para comemorar o centenário e, ao mesmo tempo, reconhecendo a importante contribuição do povo holandês para a história do País, o governo brasileiro instituiu 2011 como sendo O Ano da Holanda no Brasil. As principais festividades aconteceram em Carambeí, maior colônia holandesa no

país, entre os dias 01 e 04 de abril, com a participação de aproximadamente 35 mil pessoas. A programação foi aberta com o Tributo ao Cooperativismo, um evento em homenagem aos associados mais antigos da cooperativa Batavo e lideranças do cooperativismo, entre elas, o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, e os ex-presidentes da organização, Guntolf van Kaick e Wilson Thiesen, além do presidente da Batavo, Renato Greidanus. Também foram homenageados Willem de Geus, Dijnphnus Vermeulen, Dijnphnus J. C. de Geus, Franke Dijkstra, Dick Carlos de Geus, Walter Degger, Geraldo Degger, Theodoro Los, Johannes Van Der Meer, Herman M. Van Westering, Foppe Dijkstra, Hendrik Barkema e David Tiesen.

Também prestigiaram a cerimônia do Tributo ao Cooperativismo os presidentes de diversas cooperativas paranaenses que nesse dia participaram, durante a manhã, em Curitiba, da Assembleia Geral da Ocepar. O descendente de holandeses e atual presidente da Associação do Parque Histórico de Carambeí, Dick Carlos de Geus, que conduziu a solenidade, os convidou a subir ao palco para um abra-



.....
Pioneiros e dirigentes durante cerimônia de Tributo ao Cooperativismo, no dia 1º de abril, em Carambeí



ço fraternal nos cooperados mais antigos e demais homenageados. "É a geração atual e a do passado se confraternizando", afirmou.

Troféu Cooperativas, Orgulho do Paraná - Na oportunidade, Koslovski entregou o troféu "Cooperativas, Orgulho do Paraná" a Dick Carlos de Geus, em reconhecimento à contribuição dos holandeses para o desenvolvimento do cooperativismo. "Nós entregamos esse troféu a personalidades importantes que se dedicam a apoiar e a desenvolver o cooperativismo. Não poderíamos deixar, nesse momento, de 100 anos da imigração holandesa, de entregá-lo para que fique registrada a importância do trabalho que todos vocês desenvolveram em benefício do cooperativismo e, sobretudo, da população paranaense. Parabéns a todos", disse.

Ele lembrou que o cooperativismo tem uma ligação forte com o processo de colonização do Paraná e que a presença dos holandeses foi fundamental para o crescimento do cooperativismo em todo o Estado. "Muitas das ações desenvolvidas aqui foram copiadas por outras cooperativas e isso propiciou que tivéssemos um sistema bastante organizado e disciplina-

do em todo o estado", acrescentou.

Desfile temático - No dia 02 de abril, a programação das festividades dos 100 anos da imigração holandesa iniciou com um desfile, no Parque Histórico de Carambeí, com a presença de cerca de 1.500 pessoas. Na ocasião, o cooperativismo foi destacado como um dos valores disseminados pelos imigrantes, juntamente com a religiosidade e o zelo pela educação. "Foram o cooperativismo, a fé e a solidariedade que permitiram o desenvolvimento desta comunidade", destacou o embaixador da Holanda no Brasil, Kees Rade, durante as comemorações, em Carambeí.

Depois, uma solenidade marcou a inauguração oficial do Parque Histórico de Carambeí, um complexo cultural erguido numa área de 10 hectares para preservar e divulgar a história dos imigrantes holandeses na região. Primeiramente foi inaugurada a casa da Presença Holandesa do Brasil e, na sequência, o Museu do Leite e o Monumento do Imigrante. Houve ainda a celebração do primeiro culto na igreja construída na Vila Histórica, seguida

da inauguração da ponte que liga a Casa da Memória à Vila Histórica. Também foi lançado o livro "Falando de Histórias – volume I", o primeiro de uma coletânea sobre a vida dos imigrantes holandeses em Carambeí desde a sua fundação.



Koslovski entrega troféu "Cooperativas, Orgulho do PR" a Dick de Geus

Fotos: APCH

Desfile temático no Parque Histórico



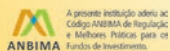
PROMOÇÃO FORÇA PREMIADA Sicredi

Quanto mais
Sicredi você usar,
mais chances
de ganhar.
Participe.



Produtos participantes:

- Cartões • Investimentos • Consórcios • Crédito Geral • Seguros
- Previdência • Poupedi • Débito em conta • Nova associação



Fundos de investimento não contam com a garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Crédito - FGC. A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento pelo investidor ao aplicar os seus recursos. Seguros e Previdência Privada Intermediados por Corretora de Seguros Sicredi Ltda., CNPJ 04.026.752/0001-82, registro SUSEP nº 10.0412376. Os planos em FAPI são administrados pelo Banco Cooperativo Sicredi S.A., CNPJ 01.181.521/0001-55. Produtos de Crédito: a disponibilidade está condicionada à análise de crédito do associado. CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO SEAE/MF/Nº 06/0038/2011 e SEAE/MF/Nº 05/0037/2011. Promoção válida para as cooperativas de crédito participantes. Consulte condições de contratação dos produtos participantes, bem como o regulamento completo da promoção em forcapremiadasicredi.com.br ou nas cooperativas de crédito. Produtos e serviços sujeitos à disponibilidade na sua cooperativa de crédito. Para mais informações sobre produtos e serviços, vá a uma de nossas unidades de atendimento ou acesse sicredi.com.br. Imagens meramente ilustrativas. SAC Sicredi - 0800 724 7220 / Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525. Ouvidoria Sicredi - 0800 646 2519.

O pioneirismo da Batavo

Em solo paranaense, os imigrantes holandeses rapidamente prosperaram na fabricação de derivados de leite, valendo-se do conhecimento na arte da produção leiteira. Logo, surgiram as primeiras fábricas de queijo de Carambeí, como a De Geus e Cia (1916), cuja produção foi chamada de “Queijo Batavo”, inspirada no nome de uma tribo do início da era cristã, que habitava o delta do Reno – região de origem da maioria das famílias holandesas radicadas em Carambeí. Em 1920, esses empreendimentos passaram por algumas dificuldades financeiras e, para resolvê-las, seus proprietários decidiram unir forças. Foi assim que, em 1925, surgiu a Sociedade Hollandesa de Laticínios. Três anos depois, em 1928, foi criada a marca Batavo, que tornou-se conhecida em todo o Brasil. Em 1941, a referência religiosa à região dos fundadores da Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios deu lugar a um novo nome para o empreendimento: Cooperativa Agropecuária



Foto: Arquivo Batavo

Leiteria da Batavo em Ponta Grossa, na década de 1930

Batavo Ltda.

De acordo com o presidente da Batavo, Renato Greidanus, o grande legado que os pioneiros deixaram foi o exemplo de cooperativismo que, por sua vez, viabilizou toda a atividade agropecuária da região. “Essa semente do cooperativismo foi muito bem semeada dentro da Batavo”, diz Greidanus. Na sua opinião, o principal desafio da geração atual de cooperativistas é dar continuidade ao trabalho dos pioneiros. “Nosso desafio é conseguir fazer com que as gerações futuras não percam a conexão com o passado e busquem o equilíbrio entre a produção e o respeito à questão ambiental. Também precisamos inserir o nosso cooperado e colaborador dentro desse processo, onde todos possam melhorar sua condição de vida e distribuição de renda que é na verdade a razão de ser do cooperativismo”, afirma.

E surge a Frísia – Aos 85 anos, a Batavo possui um faturamento anual próximo a R\$ 700 milhões (ano base 2010). Os cerca de 500 as-

sociados da cooperativa trabalham com pecuária de leite, suínos, soja, milho, feijão, cereais de inverno e produção de sementes. “Hoje nossa produção média anual gira em torno de 300 mil litros/dia, mas estamos construindo uma indústria que terá capacidade inicial de 400 mil litros/dia, além do que temos uma parceria com uma empresa terceira em que pretendemos industrializar mais 100 mil litros/dia”, conta Renato Greidanus. A profissionalização da cadeia leiteira, a remuneração ao produtor, de acordo com a qualidade do leite, e o aprimoramento e difusão das técnicas do plantio direto, são ações que marcaram a trajetória da cooperativa e que hoje estão consolidadas no setor cooperativista.

Em relação ao futuro, o dirigente afirma que a Batavo sabe que precisa se reinventar a cada dia para continuar mantendo uma trajetória de sucesso. É com este pensamento que a cooperativa planeja o lançamento de uma nova marca: Frísia, nome inspirado na origem e tradição holandesa: “Sempre fomos uma cooperativa que prezou muito a qualidade de seus produtos e acho que conseguiremos resgatar parte daquilo que sempre foi referência da marca Batavo”, comenta o dirigente.

Foto: Assessoria Ocepar



Renato Greidanus,
presidente da Batavo



Willem de Geus, 60 anos de cooperativismo e quatro gerações ligadas a Batavo

História viva - Willem de Geus, 85 anos, é um testemunho vivo da história da Batavo. Pertencente a uma das famílias mais tradicionais da imigração holandesa nos Campos Gerais, Geus tem uma estreita ligação não apenas com a chegada dos holandeses em Carambeí, como também com o surgimento e desenvolvimento da Batavo. “Na minha família, são quatro gerações ligadas à cooperativa. Eu vivo junto com a cooperativa, venho todo o dia aqui”, revela.

Cooperado desde 1º de março de 1950, este senhor de fala mansa e memória lúcida, relembra, com alegria e orgulho, de detalhes da época em que a cooperativa foi fundada. Em sua memória, surgem rostos, nomes e conversas, entre as quais, as que ouvia por trás da porta quando ainda era muito pequeno. “Eram as reuniões feitas na casa da família sobre a cooperativa, já que meu avô foi um dos 7 fundadores da Batavo, e meu pai foi o primeiro presidente oficial da Batavo, em 1941. Ele ficou 18 anos como presidente”, conta. Toda esta vivência no meio cooperativista transformou Willem de Geus em uma das figuras mais influentes da época. Na Batavo, foi presidente de 1965 à 1985; vice-presidente; conselheiro e conselheiro Fiscal. Também

foi presidente da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná, no período de 1972 a 1987.

Num misto de saudosismo e nostalgia, Willem De Geus relembra os primeiros passos dos colonos em Carambeí, após a tentativa frustrada de uma colonização em Irati, onde muitos imigrantes faleceram devido à doenças como a febre tifóide. “Na chegada à região de Carambeí, as famílias avistaram grandes campos há 1000 metros do nível do mar, tendo a certeza de que ali construiriam suas vidas, já que na Holanda, devido aos avanços das águas em épocas de cheia, perdiam suas plantações de batata, o que desanimava a população rural”, lembra.

Na sua opinião, o espírito de união dos colonos foi um dos segredos do sucesso da imigração holandesa no Paraná. “O trabalho em família, com a participação dos filhos na propriedade, e o trabalho em torno da cooperativa,

foram fundamentais para o progresso de nossa colonização, evitando os atravessadores e especuladores, que ficavam com boa parte do lucro das atividades”, afirma.

Tradição familiar - Walter Degger, 79 anos, é outro personagem cuja história de vida retrata os desafios que os imigrantes holandeses enfrentaram e a forte crença no cooperativismo como alicerce para construir uma nova vida em terras brasileiras. “Não podemos perder o exemplo dos pioneiros, que batalharam muito”, frisa.

Cooperado da Batavo desde 1954, Walter Degger conta que se pai também foi sócio da cooperativa, e que agora seu filho mais novo, Hendrik Walter Degger, 31 anos, e o seu genro estão dando sequência à tradição familiar. “Espero que eles toquem a propriedade e a cooperativa para frente como eu fiz”, diz. Na sua opinião, a cooperativa é uma força importante para o produtor e sua atuação impulsiona o desenvolvimento da cidade. “Principalmente, o pequeno produtor precisa da cooperativa, pois com ela tem acesso a crédito mais fácil e com menos burocracia. Se você não tem esse amparo não consegue chegar num banco e fazer um custeio de uma soja, milho, ou milho silagem para fazer tratamento dos animais”, reforça o filho, Hendrik Walter.



Walter Degger e seu filho, Hendrik Walter: sequência ao trabalho cooperativista

Foto: Arquivo Ocepar



Porto de Santos: famílias holandesas chegam ao Brasil para iniciar uma nova colônia nos Campos Gerais

Depois da grande guerra, em busca de oportunidades

Quando chegou ao Brasil, em agosto de 1952, Roelof Rabbers tinha 22 anos e muitos sonhos na bagagem. A Holanda ainda tentava recuperar-se da devastação da 2ª Guerra Mundial, e como outros conterrâneos, ele decidiu

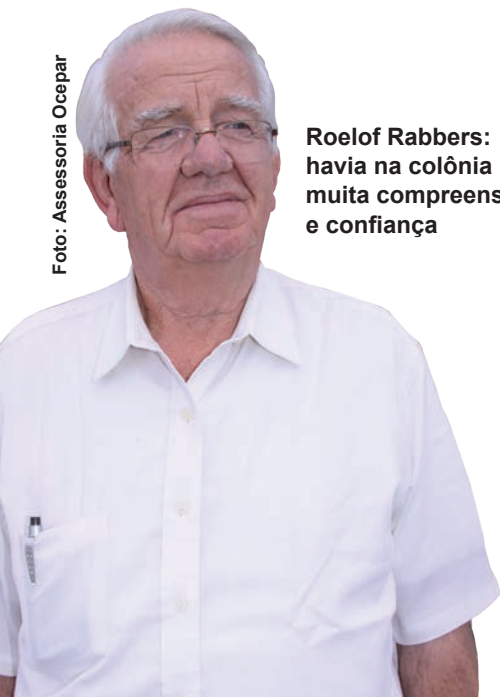
acompanhar a família em busca de novas oportunidades. Juntou-se aos grupos que iniciavam um projeto de colonização nos campos gerais do Paraná. Organizados em torno do cooperativismo, esses imigrantes começaram a escrever um novo capítulo da presença holandesa no país. Com os relatos dos pioneiros e descendentes já consolidados em Carambeí, o novo grupo de imigração tinha informações e planos estudados e debatidos para a colônia. A Sociedade Cooperativa Castrolanda foi fundada em 27 de setembro de 1951, antes mesmo da vinda das primeiras famílias, que chegariam em Castro em 30 de novembro. A fundação foi necessária para, entre outros motivos, legalizar a vinda dos imigrantes e para poder concretizar as aquisições de terra. “Havia na colônia muita compreensão e confiança. Sabíamos que não existia outro caminho a não ser trabalhar em conjunto. Imigrante isolado não teria sucesso algum”, lembra Rabbers.

Foi assim que os holandeses co-

meçaram a trabalhar em torno da cooperativa e, apoiados nela, construíram casas e estradas, a escola, a igreja, abriram poços, ergueram estábulos, enfim, criaram seu pequeno mundo em terras brasileiras, um mundo fortemente ligado aos ideais de cooperação e democracia. A cooperativa Castrolanda, por sua vez, também prosperou na mesma medida que os holandeses colhiam os frutos de seu trabalho em Castro.

Na bagagem dos pioneiros, além de muitos sonhos, vinham móveis, veículos, ferramentas, utensílios domésticos e uma carga preciosa: o gado leiteiro que daria início ao valioso rebanho de Castrolanda. “Naqueles primeiros anos, a venda de gado, principalmente touros reprodutores, foi muito importante para a viabilidade econômica da colônia. Ninguém pensava em agricultura na época, pois as terras nos campos gerais estavam esgotadas, em função das queimadas realizadas pelos antigos fazendeiros. Plantávamos batata-doce e nabo e, para

Foto: Assessoria Ocepar



Roelof Rabbers: havia na colônia muita compreensão e confiança

Wybe de Jager: a lição dos pioneiros é a de que sem união a cooperativa não cresce

Foto: Assessoria Ocepar



alimentar o gado, produzíamos azevém e outras gramíneas”, relata Rabbers.

O cenário se modificou com a revolução da soja, no fim da década de 1960, e os experimentos em novas tecnologias se intensificaram, com trabalhos pioneiros de assistência técnica e utilização da técnica do plantio direto. Os elevados e constantes ganhos de produtividade na agricultura e na pecuária de leite são uma das marcas das cooperativas fundadas por imigrantes holandeses, hoje respaldadas pela Fundação ABC. “Quando começamos com o gado leiteiro na Castrolanda, uma novilha de primeira cria de alta produtividade produzia no máximo de 3.500 a 4 mil litros de leite ao ano. Hoje, produz mais de 7 mil litros/ano”, compara Rabbers.

Para os pioneiros da Castrolanda, o cooperativismo foi e é determinante

Para o atual presidente da Castrolanda, Frans Borg, a estratégia para os próximos anos é intensificar os investimentos em agroindústria



Foto: Assessoria Castrolanda

para o sucesso dos produtores da região, que podem ter mais força agregando valor ao que produzem. “Se os agricultores e pecuaristas não se unem, tudo lhes é imposto pelas grandes corporações. As indústrias de processamento de leite e de batatas da Castrolanda são uma maneira de garantir o preço de nossos produtos, evitando que sejamos engolidos pelo mercado”, afirma Wybe de Jager, 69 anos, que imigrou com a família em 1951, no primeiro grupo de holandeses a se estabelecer na nova colônia.

Para Jager, a cooperativa deve avançar ainda mais no processo de verticalização, com investimentos em tecnologia para continuar a elevar a produtividade. “Porém, as novas gerações não podem perder a conexão com o passado e o trabalho dos pioneiros. A lição dos mais velhos é a de que sem união a cooperativa não cresce. Só a união garante a força e traz resultados”, sintetiza.

Estratégia – Para o atual presidente da Castrolanda, Frans Borg, na história da cooperativa os anos 50 foram de adaptação à nova realidade, os anos 60 de solidificação das estruturas, os 70 de grande crescimento horizontal, os anos 80 de crescimento vertical, e a década de 90 foi marcada como sendo a das grandes mudanças e transformações. “A partir dos anos 2000 atingimos um estágio de forte crescimento na movimentação econômica. Também se intensificou o processo de profissionalização da cooperativa”,

avalia. Em 2010, a Castrolanda teve um faturamento recorde de R\$ 1,019 bilhão, com mais de 51 milhões de reais em sobras de exercício. A cooperativa tem 725 cooperados e gera 705 empregos diretos. De acordo com o dirigente, a verticalização terá continuidade na Castrolanda, que atua no varejo com batata frita e no fim de 2010 colocou no mercado sua linha *premium* de leite UHT. “A estratégia para os próximos anos é investir em agroindústria, seja em projetos individuais, seja em parceria com outras cooperativas ou empresas. Mas cada passo sempre dentro de um rumo traçado pelo planejamento estratégico avalizado pelos cooperados da Castrolanda”, conclui Borg.

Cooperativa nova em capitalização

Para ampliar sua infraestrutura de armazenagem e serviços e impulsionar novos investimentos, a Castrolanda implantou um sistema de capitalização contínua. Inspirado no modelo norte-americano de cooperativas de nova geração - que foi adaptado às restrições de legislação e à realidade dos Campos Gerais -, o sistema foi aprovado em Assembleia pelos cooperados em 2001. “No caso de um armazém, o associado compra cotas de utilização proporcionais à produção que irá movimentar. A cooperativa financia essas cotas em 10 anos. Ao final, se não aumentar sua área, o cooperado não precisa contribuir mais, pois já integralizou o suficiente para a sua movimentação”, explica o gerente de negócios da Castrolanda, Marco Antonio Prado. “É um instrumento que garante o comprometimento do associado para com o investimento, o que reduz custos e evita a ociosidade de utilização. Adotamos inicialmente o sistema para as culturas de verão (milho e soja) e agora também para o trigo, e os resultados são muito positivos”, avalia.

As lombas foram ocupadas pelos pioneiros e até hoje são referências geográficas nas áreas pertencentes a cooperados da Capal

Nas elevações de Arapoti, a mais jovem cooperativa

A 220 km de Curitiba, numa área de elevações do município de Arapoti, nas chamadas lombas, onde hoje se vislumbram férteis plantações, se estabeleceu o último grupo de famílias holandesas que imigraram para os Campos Gerais. Ali nasceu, em 1960, a mais jovem das cooperativas fundadas por imigrantes, a Capal. “Quando aqui chegamos, não havia estrada, luz e nem água. Mas logo passamos a nos estruturar, com a construção da igreja, da escola e de um pequeno escritório, a sede da cooperativa. As dificuldades eram muitas, mas sempre houve união, confiança e trabalho”, afirma Leendert Noordegraaf, 70 anos, que imigrou aos 11 anos ao Brasil, junto com a família - pai, mãe e seis irmãos.

O pioneiro recorda dos primeiros anos, tempos de adaptação à nova terra e dificuldades de comunicação. “Os colonos se estabeleceram no entorno da

área urbana de Arapoti. Esse fator foi importante, pois facilitou a integração com a comunidade local. Não ficamos isolados e isso foi positivo”, lembra.

Percorrendo de automóvel as lombas da região, ocupadas em sua maioria por cooperados da Capal, Noordegraaf explica que a vocação dos pioneiros era a pecuária leiteira, atividade original de muitas famílias, inclusive a de seus pais, na Holanda. “Quando a agricultura chegou de forma mais intensa, depois de 1970, tivemos a felicidade de ter o respaldo de assistência técnica desde o princípio dos plantios, por meio da DAT Central, departamento que atendia as cooperativas ABC (Arapoti, Batavo, Castrolanda)”, explica. “Foi fundamental ter apoio técnico para superar os graves problemas de erosão, que foram resolvidos com o plantio direto, que na época não entendíamos bem, mas com o tempo perce-

bemos sua eficiência”, relata. O manejo adequado e a melhora tecnológica fizeram crescer a produtividade e contribuíram para a consolidação da colônia e da cooperativa. Mas, no início da década de 1990, uma sucessão de revezes fez a cooperativa mergulhar na pior crise de sua história.

Crise e renascimento – Crise na agricultura, com preços em queda, prejuízos decorrentes dos Plano Verão (1989) e Collor II (1991), endividamento e correção monetária das taxas de juros do crédito rural, entre outros fatores, convergiram para a quase dissolução da cooperativa. “A ausência do Estado no financiamento do setor havia obrigado as cooperativas – e a Capal entre elas – a atuarem no crédito ao produtor. Como nunca havia sido bem capitalizada, empregava uma política paternalista nas relações com o cooperado, e assumiu o papel de bancar o produtor com recursos, a Capal viu-se envolvida em sérias dificuldades. No começo de 1995, a cooperativa estava à beira da insolvência”, relata o livro “Capal 50 anos de História”, do jornalista Edison de Abreu Lemos. Para tentar salvar a cooperativa, os dirigentes decidiram profissionalizar a gestão. “Os diretores deixariam de dar expediente na cooperativa. Seu papel principal passou a ser o de definir metas e cobrar resultados. Foram buscar profissionais no mercado, capazes de ajudar a reverter o quadro de dificuldades”, escreve Lemos.

Em março de 1995 o administrador de empresas Adilson Fuga foi contratado como gerente financeiro, tendo por missão renegociar dívidas e reorganizar a gestão da cooperativa. “Reverter



Leendert Noordegraaf: vocação dos pioneiros era a pecuária leiteira, atividade de muitas famílias na Holanda

o quadro de quase insolvência não foi fácil. Tivemos que fazer cortes dramáticos, em seis meses reduzimos o quadro de funcionários de 285 para 130”, lembra. “O foco era sanear, recuperar e viabilizar a cooperativa, e para isso mudamos o trato com o cooperado, fechamos algumas torneiras, reduzimos despesas e reformulamos o sistema de receitas. Cinco anos depois, reunimos e Conselho de Administração e comunicamos o cumprimento de nossa missão”, relata Fuga.

Um novo tempo – Depois de renascer, a Capal pôde iniciar um processo de planejamento para o futuro. “Em 2001 começamos um trabalho de pesquisa com todos os cooperados, ouvindo-os para saber quais seus anseios, o que esperavam da cooperativa para os próximos dez anos. Analisamos nossos pontos fortes e fracos e os associados definiram os rumos a serem seguidos pela Capal. E coube aos administradores atuar para alcançar as demandas apontadas pelos cooperados”, diz Fuga.

Atualmente, a Capal tem 850 cooperados e gera 330 empregos diretos. Em 2010, a cooperativa teve um faturamento de R\$ 311 milhões, obtendo sobras de exercício de R\$ 15 milhões. A capacidade de armazenagem de grãos é de 340 mil toneladas, totalmente exclusiva para o atendimento ao co-



Para o atual presidente da Capal, Erik Bosch, o planejamento estratégico é essencial para avançar e crescer: os cooperados indicam os rumos da cooperativa

operado. “A Capal não trabalha com terceiros, o nosso negócio é atender aos cooperados, não fazemos investimentos para atender outros produtores”, enfatiza. “Temos como meta alcançar em 2012 um faturamento de R\$ 500 milhões e a expansão da área de nossos associados de 80 mil hectares para 100 mil hectares”, indica Fuga.

Os desafios do futuro – Dez anos depois do primeiro planejamento de ação, a Capal trabalha na pesquisa das potencialidades, demandas e anseios dos cooperados para definir os novos rumos. “Vamos ouvir o quadro social e elaborar a estratégia de atuação. Se partiremos para um processo de verticalização, sozinhos ou intercooperando com outras cooperativas, é o associado

quem dirá o que deverá ser realizado”, afirma o presidente da Capal, Erik Bosch. A expectativa é de que até o início do segundo semestre de 2011, o novo planejamento esteja concluído.

O dirigente afirma estar confiante quanto à superação dos desafios. “Acredito que temos um horizonte favorável para os próximos anos. Fazemos parte de uma cooperativa jovem, se mantivermos os tripés de nossos pais e avôs, baseados no cooperativismo, na igreja e na educação teremos condições de prosperar, evitando o individualismo e nos fortalecendo como produtores e cooperativa”, conclui Bosch, nascido na Holanda em 18 de setembro de 1960, um dia antes da histórica assembleia de fundação da Capal.



Choque de gestão evitou a insolvência e retomou a viabilidade da cooperativa

O braço tecnológico das cooperativas



Campo experimental da Fundação ABC

A Fundação ABC, primeira instituição de pesquisa e experimentação agropecuária fundada por produtores rurais, também é um marco na história da imigração holandesa no Paraná. Enquanto a atividade leiteira prosperava ao longo da trajetória das cooperativas do Grupo ABC, a agricultura enfrentava diversos problemas, reflexo da baixa qualidade da terra na região dos Campos Gerais.

Uma situação difícil, enfrentada pelos produtores e cooperativas com investimentos em tecnologia e assistência técnica. Mas diante da carência de

respostas da pesquisa e da urgência de resultados, alguns produtores do grupo ABC, reunidos numa Comissão Agrícola Central, responsável pelos programas de trabalhos que estavam em execução, iniciaram estudos para a criação de uma instituição, de caráter particular e sem fins lucrativos, que desse amparo tecnológico e sequência aos trabalhos, atendendo às demandas e dando suporte aos programas agrícolas em desenvolvimento.

Uma iniciativa que obteve total apoio da direção das cooperativas e da própria Central de Laticínios do

Paraná, tornando-se realidade em 23 de outubro de 1984, quando oficialmente foi instituída a Fundação ABC para Assistência e Divulgação Técnica Agropecuária. “O principal objetivo da instituição é dar suporte e assistência técnica para os produtores, visando o aumento da produtividade e redução de custos”, conta o presidente da Fundação, Luciano Dias Carneiro. Segundo ele, o pacote de informações oferecido pela instituição leva em conta a realidade e as características de solo e clima das regiões onde estão inseridos os produtores.

Eletricidade para as colônias holandesas

No fim da década de 60, a expansão das mais jovens colônias de imigrantes holandeses, em Castro e Arapoti, esbarrava na precariedade da infraestrutura, sobretudo na falta de energia elétrica na maior parte das propriedades rurais. Para levar eletricidade ao campo, os produtores novamente uniram-se em torno do cooperativismo. Em Arapoti, no dia 2 de dezembro de 1968, nascia a Ceral (Cooperativa de Eletrificação Rural de Arapoti Ltda). Em 8 de abril de 1970, em Castro, outro grupo fundava a Eletrorural. Ambas cooperativas tinham quadro social formado, em sua maioria, por cooperados da Capal e da Castrolanda. “O grande problema em

Arapoti na época era a falta de água. Com a luz, foram feitos poços artesianos que solucionaram essa grave situação. A eletricidade trouxe mais conforto às famílias, a vida das pessoas melhorou, e a produção foi ampliada, se podia criar mais vacas e porcos porque havia água”, lembra Adolf Hendrik van Arragon, que chegou à região em 1960, aos nove anos de idade, e atualmente é o presidente da Ceral, que tem 300 cooperados e 36 funcionários.

Contribuindo de forma importante para a melhoria das condições de vida na colônia, as cooperativas de eletrificação hoje se destacam na prestação profissionalizada de serviços aos cooperados.

“Estamos investindo cada vez mais na melhoria da rede, baixando custos de atendimento e manutenção. Acompanhamos a qualidade da energia que chega ao associado e temos equipes de emergência prontas para agir sempre que necessário”, explica o presidente da Eletrorural, Pedro Irineo Teider. A cooperativa tem 280 cooperados e 12 funcionários.

A Ceral e a Eletrorural, juntamente com a Ceripa, de Itaí, São Paulo, são sócias na empresa Pesqueiro Energia S.A., que possui uma PCH (Pequena Central Hidrelétrica), que tem potência de 12,44 MW, com capacidade para gerar energia a uma cidade de 40 mil habitantes.



Purity

equilíbrio



*Equilibre dias de sol e chuva.
Equilibre trabalho e lazer.
Equilibre horas no trânsito e
caminhadas ao ar livre.
Equilibre momentos de tensão
com risadas sem motivo.
Equilibre seu corpo.
Equilibre sua mente.
Equilibre. Cuide de você!*



purity.com.br

BBS é Orgânica

*Experimente a Nova
Linha Purity Equilíbrio*



Marco regulatório para o campo e a cidade

Projeto de Lei 1.876/99 que atualiza o Código Florestal brasileiro entrou na pauta de discussões em Brasília, no início do mês de maio

Depois de quase dois anos de debates e negociações, a atualização do Código Florestal (Projeto de Lei 1.876/99) viveu um novo capítulo neste mês de maio. Em meio a fortes embates entre aqueles que defendem um novo código e os que são contrários, a Câmara dos Deputados aprovou na noite de terça-feira, 03 de maio, por 399 votos a 18, regime de urgência para a votação das mudanças no Código Florestal. Com a aprovação da urgência, o projeto entrou em prioridade de votação e, em caso de apresentação de emendas, não precisará voltar à comissão especial da Casa para análise das modificações. A expectativa é que a leitura do relatório final do projeto, de autoria do deputado federal Aldo Rebelo, ocorresse no dia seguinte, dia 4, no entanto, a falta de consenso obrigou o adiamento da votação em uma semana. No dia 10, o tema voltou à pauta de discussão do Plenário, mas até o fechamento desta edição da Revista Paraná Cooperativo, o texto não tinha sido votado.

O presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski, lamentou a demora em votar o projeto, mas ponderou que o ideal é que sejam esgotadas todas as possibilidades de acordo, para que o

projeto seja aprovado em consenso entre o parlamento e o executivo. “Caso o projeto venha ser aprovado pela maioria dos deputados em desacordo com o que pensa o executivo corremos o risco do veto presidencial após aprovação do Senado. O ideal mesmo é chegarmos a um consenso, onde não existam vencedores ou vencidos e que os produtores possam ter um marco regulador para poder continuar fazendo o que melhor fazem para este Brasil: plantar com sustentabilidade”, afirmou o dirigente.

Uma delegação paranaense esteve em Brasília acompanhando o assunto. Além do presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski, integraram a delegação, o superintendente, José Roberto Ricken, o assessor da área de meio ambiente da Ocepar, Silvio Krinski, os presidentes das cooperativas C.Vale, Alfredo Lang; Copagrill, Ricardo Chappala; Cocari, Vilmar Sebold; Copacol, Valter Pitoli; Integrada, Carlos Murate; Castrolanda, Frans Borg; Bom Jesus, Luiz Roberto Baggio; Sicredi Central PR, Manfred A. Dasenbrock e da Sicredi Vale do Piquiri, Jaime Basso; os vice-presidentes da Coamo, Claudio Rizzato; da Agrária, Paul Ilich e da Lar, Lauro

Soethe, e o diretor da Bom Jesus, José Rubens Rodrigues dos Santos.

Além de reunião na Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), para alinhar a posição do sistema cooperativista acerca dos principais pontos do PL 1.876/1999 que serão discutidos no plenário, os cooperativistas reuniram-se com parlamentares da bancada paranaense e também de outros estados.

“Há um entendimento que nós temos de caminhar para um acordo que possibilite a votação sem que lá na frente se tenha vetos”, disse o presidente da Câmara dos Deputados, deputado Marco Maia. Na sua opinião, é importante também o avanço na proteção do meio ambiente junto com a garantia da produção dos agricultores. “O adiamento é o último esforço para a conclusão de um grande pacto sobre o novo código”, completou o ministro das Relações Institucionais, Luiz Sérgio. O ministro assinalou que o código florestal é um tema que envolve parcela significativa da população brasileira e reforçou a ideia de que sua negociação não pode promover “vencedor nem vencido”.

O líder do governo, deputado Cândido Vaccarezza, admitiu que a

maioria dos partidos da base apoia o relatório de Aldo Rebelo, enquanto que o governo cobra mudanças no trecho relativo às áreas consolidadas (já plantadas) e à recomposição da reserva legal. “A maioria da base está com o relatório. Há 98% de acordo com o relator, não adianta polarizar em um texto que está quase consensual”, declarou.

Mudanças – Na tentativa de facilitar a aprovação da proposta, o deputado Aldo Rebelo, relator do projeto, acatou algumas das mudanças pedidas pelo governo, à exceção da reserva legal para as pequenas propriedades. O relator quer que a reserva leve em consideração a parte da propriedade excedente a quatro módulos fiscais. O governo quer que essa exceção valha apenas para a agricultura familiar. Outro aspecto que o governo quer mudar no texto é a possibilidade de autorização para desmatar áreas de preservação permanente (APPs) para fins de interesse social, já que a produção de alimentos pela pecuária extensiva ou por monoculturas poderia ser considerada de interesse social.

Na nova versão do seu substitutivo, o deputado Aldo Rebelo propõe a manutenção das matas ciliares entre 30 metros (para rios de até 10m) e 500 metros (para rios com largura superior a 600m). Um acordo vai permitir que apenas no caso das Áreas de Preservação Permanente já devastadas às margens de rios até 10 metros, o agricultor seja obrigado a reconstituir a mata ciliar pela metade, ou seja, 15 metros. Aldo Rebelo quer manter em seu substitutivo a determinação de que as propriedades com até quatro módulos fiscais, considerada de agricultura familiar - que variam de 20 a 400 hectares dependendo da região - possam declarar como reserva legal apenas as matas nativas de que dispunham até julho de 2008.

Segundo o parlamentar, a votação é necessária porque está expirando o prazo que o governo deu aos agricultores, por meio de decreto, para adequação à legislação. “Hoje a lei põe na ilegalidade praticamente 100% dos pequenos e médios agricultores do País. A situação levou o governo a adiar por decreto a aplicação de multas por exigência da averbação de reserva legal, ou seja, a



Os presidentes da Ocepar, Faep e Fetaep e a bancada federal paranaense em reunião com o presidente da Câmara, deputado Marco Maia

parte da propriedade destinada à vegetação nativa”, afirma Aldo Rebelo. Como o decreto expira em junho, o parlamentar alerta que será aberto “um vazio legal que só poderá ser preenchido de três maneiras: a aplicação da lei e a consequente enxurrada de multas e processos contra milhões de agricultores, o que o governo não deseja e a população não toleraria; a edição de outro decreto, adiando a entrada em vigor do que deveria estar em vigor; ou o ajustamento da lei à realidade”.

O deputado Reinhold Stephanes também lamentou o adiamento e ressaltou a importância da aprovação do Código. “Precisamos caminhar na direção de encontrar amparo legal para mantermos, de forma sustentável, a produção de alimentos que abastece o País e mais de 180 mercados fora daqui. Não podemos ser omissos em deixar prevalecer posições ideológicas e doutrinárias, afetadas pelo preconceito contra o campo daqueles que sequer conhecem o meio ambiente que defendem. Estou certo de que há ciência disponível para equilibrar o desejo de ambos os lados”, disse.

Tramitação - Após ser aprovado pelo plenário da Câmara, o texto vai para o Senado. Se houver alteração pelos senadores, voltará novamente à Câmara e desta vez, se aprovado, seguirá ao Palácio do Planalto para sanção presidencial.

Por que o setor produtivo defende as mudanças

As exigências do atual Código Florestal implicam em perda de área produtiva e de competitividade inviabilizando as propriedades de muitos agricultores. No Paraná, por exemplo, a área de agricultores familiares que possuem até quatro módulos rurais, soma 7,9 milhões de hectares. A Reserva Legal atualmente exigida imobilizaria uma área de 1,6 milhão de hectares, o equivalente a toda a produção de milho de inverno cultivado no Estado do Paraná. No Rio Grande do Sul toda a produção de arroz em várzeas estaria ameaçada a desaparecer, assim como a produção de maçãs em Santa Catarina. Para agravar, se nada for feito, a partir do dia 12 de junho deste ano os agricultores irão responder criminalmente caso não façam averbação da reserva legal, conforme dispõe o Decreto 7029/2009.

Pontos fundamentais do novo Código Florestal defendidos pelo setor produtivo

Reserva legal

- Dispensar da obrigatoriedade de manutenção (RL) para imóveis com até 4 módulos fiscais;
- Considerar, para fins de cálculo, a soma de Áreas de Preservação Permanente (APP) no computo da RL;
- Permitir a compensação da RL dentro do mesmo Bioma, independente do Estado;
- Permitir a recomposição da RL no prazo de 20 anos, com uso, inclusive, de espécies exóticas e permitindo o manejo florestal sustentável;
- Dispensar de averbar a Reserva Legal no Cartório de Registro de Imóveis.

Áreas de Preservação Permanente (APP)

- Reduzir para 15 metros nos rios de até 5 metros de largura, quando necessário para fins de recomposição;
- Não enquadrar as áreas de várzea como de preservação permanente.

Áreas Consolidadas

- Manutenção das atividades agropecuárias e florestais em áreas rurais consolidadas, localizadas em áreas de APPs e RL.

Pagamento por Serviços Ambientais

Possibilitar o pagamento por serviços ambientais para conservação da biodiversidade, dos recursos hídricos e da paisagem.

Anistia e Compensação de Multas

Suspender a aplicação e cobrança de multas decorrentes da supressão de vegetação ocorrida até 22 de julho de 2008.



Linha do Tempo

Confira a mobilização do setor cooperativista do Paraná em torno do novo Código Florestal brasileiro

• O Sistema Ocepar realiza quatro Fóruns de Meio Ambiente para discutir os principais pontos do Projeto de Lei 1876/1999 e elaborar uma proposta do setor produtivo para o tema

• Um café da manhã, na sede do Sistema Ocepar, reúne parlamentares e lideranças cooperativistas. Na ocasião, é entregue a proposta consolidada durante os Fóruns

• O Sistema Ocepar participa de diversas reuniões em Brasília, inclusive na Subcomissão da Comissão de Agricultura e no Ministério do Meio Ambiente

• Um Grupo Técnico e Jurídico é criado na OCB para discutir a reformulação do Código Florestal. O Sistema Ocepar integra esse Grupo

2009

2010

2011

• Uma grande mobilização de agricultores acontece em Brasília para sensibilizar os parlamentares. O setor cooperativo do Paraná participa de uma ação voltada ao tema

• O Sistema Ocepar acompanha as discussões do Grupo de Trabalho Conciliatório do Código Florestal, com o objetivo de discutir os principais pontos da reforma do código florestal e fazer encaminhamento dos pontos conciliatórios para subsidiar o deputado Aldo Rebelo na definição do seu substitutivo

• Nos dias 3, 10 e 11 de maio, dirigentes cooperativistas se mobilizam em Brasília para acompanhar as discussões em torno da votação do projeto

• Uma série de audiências públicas da Comissão Especial da Câmara dos Deputados é realizada em todo Brasil. As cooperativas do Paraná marcam presença nessas audiências

• Ao longo do ano, o Sistema Ocepar participa ativamente das discussões e aprovação na Comissão Especial da Câmara dos Deputados do parecer substitutivo ao Projeto de Lei 1876/1999

TECNOLOGIA e PRODUTIVIDADE para sua lavoura

Sementes de aveia, feijão, soja e trigo

SEMENTES
INTEGRADA

PESO LÍQUIDO
40 kg

SEMENTE
CESM - PR



www.integrada.coop.br

Falta de incentivo desestimula plantio

**Área deve reduzir 12% em relação à safra anterior no Paraná.
Manutenção do preço mínimo desagrada produtores**

A ausência de uma política pública de incentivo ao trigo está desestimulando os agricultores paranaenses, que estão optando por investir em outras lavouras nessa safra de inverno. A área cultivada com o cereal deverá reduzir 12% no Estado, de acordo com estimativas da Secretaria Estadual da Agricultura, passando de 1.170.838 hectares na safra passada para 1.030.849 hectares neste ciclo. Os paranaenses colheram 3,45 milhões de toneladas de trigo em 2010 e deverão produzir neste ano 2,86 milhões de toneladas do cereal. O grande problema continua sendo a comercialização, já que não há perspectivas de melhora na liquidez de mercado, especialmente depois que o governo federal decidiu manter os preços mínimos prati-

cados no ano passado, quando os valores foram reduzidos em 10%.

A medida repercutiu mal entre os produtores e foi criticada por lideranças do setor agropecuário pois, além de influenciar negativamente na produção, vai contribuir para manter a dependência do país no trigo importado. Para o deputado Moacir Micheletto (PMDB-PR), fixar os preços básicos de garantia nos mesmos valores de 2010 foi uma demonstração de total falta de perspicácia. "No ano passado, importamos 6,3 milhões de toneladas de trigo, gastando US\$ 1,5 bilhão com essas importações. Talvez as autoridades não saibam que 150 mil produtores se dedicam a essa atividade que gera cerca de 160 mil empregos diretos e 900 mil in-

diretos. Dói perceber que esses números não comovem aqueles que decidem sobre a triticultura brasileira e não sabem que o trigo é um produto de segurança alimentar", desabafou ele, logo que o Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou a manutenção dos valores, em reunião ocorrida no início de abril.

No caso do trigo paranaense, o preço garantido pelo governo, para o tipo 2, ficou em R\$ 22,19 a saca de 60 quilos (classe brando), R\$ 26,30 (classe pão), o mais produzido no Paraná, e de R\$ 27,54 (classe melhorador). A Ocepar, juntamente com as demais entidades representativas do setor produtivo, havia reivindicado ao governo 12,7% de reajuste no preço mínimo, para possibilitar aos produtores

Foto: Arquivo Ocepar



paranaenses cobrir, pelo menos, o custo operacional de trigo que, no Estado, gira em torno de R\$ 32,21 a saca, incluindo os gastos com sementes, adubo e agrotóxicos, entre outros itens. O triticulor enfrenta ainda outro agravante. O preço no mercado doméstico não está acompanhando a valorização registrada no exterior. “Enquanto as cotações internacionais do trigo subiram 60% nos últimos meses, o mercado interno teve reajuste de apenas 15%”, afirma o analista técnico e econômico da Ocepar, Robson Mafioletti.

Além dos preços pagos aos agricultores estarem abaixo das expectativas, o produto local enfrenta a concorrência do trigo que vem de outros países, principalmente do mercado argentino. O setor produtivo tem reivindicado do governo federal a adoção de salvaguardas para evitar a concorrência desleal e maiores prejuízos aos triticultores bra-



Setor produtivo tem cobrado medidas de apoio à triticultura nacional. Na foto, a reunião com o ministro da Agricultura, Wagner Rossi, em dezembro de 2010, quando representantes da região Sul apresentaram propostas e reivindicaram mudanças para a cultura

sileiros mas, até o momento, nenhuma providência foi tomada nesse sentido.

Embora o país ainda dependa da importação de trigo pois produz quase a metade do que é consumido pelos brasileiros – 10,5 milhões de toneladas por ano –, as próprias indústrias nacionais tem optado por adquirir o cereal de outros países mesmo quando há trigo brasileiro disponível no mercado. Elas alegam maior facilidade de aquisição do

produto importado e também acusam a baixa qualidade do cereal nacional, o que tem sido combatido pelo setor cooperativista. Análises realizadas a pedido da Ocepar em amostras vendidas recentemente por meio de leilões do governo federal comprovaram que o trigo do Paraná é de excelente qualidade. O mesmo resultado positivo tem sido obtido em lotes embarcados ao exterior por cooperativas paranaenses.



Linha Gourmet
Copacol


Copacol
Apaixonados por sabor

Maior valor agregado

Os produtos industrializados conquistaram um espaço importante na pauta de exportações das cooperativas paranaenses, especialmente nos últimos cinco anos. Em 2006, esses itens representavam 42% de toda a receita gerada pelos embarques do setor, passando para 44% em 2010. O crescimento mais expressivo, porém, ocorreu no volume comercializado que, nesse período, saltou de 45% para 71% do total exportado. É o que revela o estudo realizado pela Gerência Técnica e Econômica da Ocepar (Getec), com base em dados do Serviço de Comércio Exterior (Secex) do Minis-

tério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Entre 2006 e 2010, o valor das exportações de produtos industrializados do cooperativismo paranaense subiu de US\$ 592 milhões para US\$ 1,2 bilhão, enquanto a quantidade embarcada expandiu de 1,24 milhões de toneladas para 2,22 milhões toneladas.

De acordo com o analista técnico Gilson Martins, responsável pelo levantamento, muitas cooperativas agropecuárias do Paraná partiram para a industrialização da soja em grão e um subproduto de valor agregado aparentemente menor,

Cooperativas do Paraná aumentam os embarques de produtos industrializados

o farelo, tornou-se um dos carros chefes das exportações feitas pelo setor. A venda desse produto para outros países cresceu, em média, 44% ao ano. Em 2006, era o terceiro na pauta de embarques e passou a liderar a lista a partir de 2008.

“De cada mil quilos de soja são extraídos 780 quilos de farelo e 200 quilos de óleo bruto. Assim, em 2010, por exemplo, uma tonelada do grão rendeu, proporcionalmente, US\$ 282 em farelo e US\$ 168 em óleo, tomando-se como base o preço médio de exportação desses produtos na época. A soma dos dois valores totaliza US\$ 449, o que representa



Fotos: Secs

21% a mais que o preço médio da tonelada de soja em grão exportada pelas cooperativas do Paraná. Isso demonstra que o setor está atento às oportunidades de mercado e vem aumentando o seu rendimento aproveitando o potencial gerado pela matéria-prima”, acrescenta ele.

O estudo da Getec mostra ainda que, entre os produtos de maior valor agregado, também houve crescimento de 15% nas vendas externas de cortes de frango congelados, entre 2006 e 2010. “Importante salientar que esse item vem mantendo um aumento constante nos embarques”, frisa Gilson. Atualmente, os cortes de frango ocupam a terceira posição no ranking dos itens mais comercializados para outros países, logo atrás do farelo de soja e da soja em grão, sendo que este último registrou um aumento médio anual de 39% nas vendas externas nos últimos cinco anos, consolidando a importância também dos produtos in natura na pauta de exportações. Óleo de soja, açúcar, carne suína, etanol, frango processado, trigo e suco de laranja também estão entre os 10 principais produtos exportados pelo cooperativismo paranaense. Juntos, eles representam 95% das exportações, somando US\$1,5 bilhão.

De modo geral, os embarques das cooperativas paranaenses cresceram, em média, 18% ao ano e praticamente dobraram nos últimos cinco anos, passando de US\$ 853 milhões, em 2006, para US\$ 1,6 bilhão, em 2010. O valor representa 37% das vendas externas realizadas pelo cooperativismo brasileiro, de acordo com o levantamento da Getec. As cooperativas do Paraná estão entre os maiores exportadores do Estado, dividindo a liderança com empresas do ramo petrolífero e automobilístico. Seis cooperativas paranaenses figuram no ranking das 40 maiores exportadoras de 2010, divulgados pela Secex: a Coamo, de Campo Mourão; C.Vale, de Palotina; Copacol, de Cafelândia; Lar, de Medianeira; Cocamar, de Maringá e Copagril, de Marechal Cândido Rondon.

Destinos - A China é o principal mercado das cooperativas paranaenses, absorvendo 22% das exportações gerais, seguido pela Alemanha, com 19%, e França com 8%. “Observa-se uma concentração das exportações em cinco principais mercados, totalizando 61% dos embarques das cooperativas. Outros cinco países (Coreia do Sul, Reino Unido, Hong Kong, Irã e Índia) representam 16% do mercado cooperativista”, informa Gilson. Segundo o analista da Getec, o mercado chinês é responsável pelo embarque de um grande volume de soja em grão, enquanto o mercado alemão se caracteriza pela compra de um elevado volume de farelo de soja. O valor por toneladas das exportações para a China foi, em média, de US\$ 475, e para a Alemanha, de US\$ 449. “De forma geral, a Europa constitui-se em um mercado estável e os países emergentes, especialmente a China, possuem grande potencial para desenvolvimento das exportações”, acrescenta Gilson.



Prêmios

Ocepar e Unimed são lançados no Paraná

Concursos foram divulgados por meio de 12 eventos no interior e na capital do Estado, reunindo mais de 550 participantes

Os Prêmios Ocepar e Unimed de Jornalismo foram lançados para mais de 550 profissionais da imprensa do interior e de Curitiba no mês de abril. Dirigentes e jornalistas que atuam no sistema cooperativista também prestigiaram os eventos. "Estamos notando um interesse cada vez maior dos profissionais em participar de ambos os prêmios, que estão se consolidando como uns dos mais importantes do jornalismo brasileiro, especialmente em relação aos valores distribuídos aos vencedores. Juntos, eles somam R\$ 88 mil, já descontados os impostos", ressaltou o coordenador de Comunicação do Sistema Ocepar, Samuel Milléo Filho.

Ele conduziu os lançamentos juntamente com a assessora de imprensa da Federação Unimed, Jossânia Veloso, e com o assessor de Comunicação e Marketing da Central Sicredi Paraná, André Alves de Assis. "Acreditamos que o número expressivo de participantes nos lançamentos regionais é uma demonstração clara de que cada vez mais profissionais de imprensa se interessam pelo tema cooperativismo", disse Jossânia. Presidentes das cooperativas que acompanharam os eventos também ressaltaram o fato dos prêmios representarem um importante instrumento de divulgação do setor e também de valorização dos comunicadores da mídia em geral e do próprio cooperativismo.

A divulgação dos concursos aconteceu em Londrina (04/04), Maringá (04/04), Campo Mourão (05/04), Palotina (05/04), Toledo (06/04), Cascavel (06/04), Pato Branco (07/04), Francisco Beltrão (07/04), Guarapuava (07/04), Ponta Grossa (20/04) e em Curitiba (09/04), durante um churrasco promovido pelo Sindicato dos Jornalistas do Estado do Paraná (Sindijor-PR), em comemoração ao Dia do Jornalista, celebrado em 7 de abril.

Ocepar - O Prêmio Ocepar de Jornalismo está em sua oitava edição. O tema deste ano é "Evolução econô-



LONDRINA



MARINGÁ



CAMPO MOURÃO



PALOTINA



TOLEDO



CASCADEL



PATO BRANCO



FRANCISCO BELTRÃO



GUARAPUAVA



PONTA GROSSA

mica e social das cooperativas paranaenses em quatro décadas". Milléo explica que, apesar de fazer uma menção às quatro décadas de fundação da Ocepar, comemoradas no último dia 2 de abril, as matérias e reportagens não precisam necessariamente focar os 40 anos da entidade. "Nossa intenção é que nossos colegas jornalistas escrevam matérias ou produzam reportagens sobre o trabalho desenvolvido pelas cooperativas paranaenses para seus cooperados nas últimas décadas, nas áreas sociais e econômicas, o quanto cresceram nesses setores e que contribuições deram para o nosso estado", ressalta.

Serão premiadas matérias publicadas ou veiculadas entre 1º de agosto de 2010 e 11 de julho de 2011 nas áreas de Jornalismo Impresso, Telejornalismo, Radiojornalismo e Mídia Cooperativa, além de duas categorias especiais: Ramo Crédito e Ramo Saúde. As inscrições vão até 11 de julho. A premiação dos trabalhos escolhidos pela Comissão Julgadora ocorrerá durante jantar comemorativo ao Dia Inter-

nacional do Cooperativismo, no dia 29 de julho, em Curitiba. Os vencedores vão ganhar R\$ 6.000,00 (1º lugar); R\$ 3.000, (2º lugar) e R\$ 2.000 (3º lugar). As categorias especiais dos ramos crédito e saúde serão premiadas com R\$ 3.500,00 cada uma.

Adicional - Em Francisco Beltrão, o superintendente da Sicredi Iguazu PR/SC, Eleutério Benin, disse que, caso algum jornalista da área de ação da cooperativa vença o Prêmio Ocepar de Jornalismo na categoria Prêmio Especial Crédito, a cooperativa adicionará ao valor de R\$ 3,5 mil, mais R\$ 1,5 mil, totalizando ao ganhador R\$ 5 mil.

Unimed - Já o tema do 3º Prêmio Unimed de Jornalismo é "Saúde". As matérias concorrentes poderão envolver questões como prevenção, qualidade de vida, medicamentos e tecnologias (novidade e uso adequado), esclarecimentos sobre doenças e enfermidades (sintomas, causas e tratamentos) e demais assuntos que afetem, direta ou indiretamente, a Saúde Pública e a Suplementar.

O concurso da Unimed é aberto a profissionais e estudantes de jornalismo, preferencialmente do estado do Paraná. São quatro categorias (profissional, destaque acadêmico, mídia corporativa e categoria especial) que pagarão, ao todo, R\$ 37 mil, livres de impostos. A novidade deste ano é que a categoria especial tem temática específica "O uso consciente dos serviços e recursos em saúde" e vai premiar com R\$ 5.000 o trabalho vencedor. Podem ser inscritas matérias veiculadas de 10 de novembro de 2010 a 28 de outubro de 2011, sendo que as inscrições encerram no dia 28 de outubro. Será considerada a data de postagem nas remessas por correio. Após o recebimento da inscrição, os organizadores enviarão uma confirmação por e-mail.

Regulamento - Os interessados em participar dos Prêmios Ocepar e Unimed de Jornalismo podem conferir os regulamentos completos nos sites www.ocepar.org.br e www.unimed.com.br/parana.

Pensar nas pessoas, é pensar num futuro melhor para todos!

ESTA É A NOSSA MISSÃO.

A Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus, com sede no município da Lapa (PR), há 58 anos ao lado do homem do campo garante o sucesso da cadeia do agronegócio nas regiões onde atua.

Com o trabalho sério, ético e organizado, a cooperativa colabora de forma direta para o desenvolvimento sócio-econômico regional.

Presente em 12 municípios com 19 estruturas de atendimento, a cooperativa presta os mais diversos serviços para seus 3.700 cooperados.

Por tudo isso, a cada ano que passa, a Bom Jesus apresenta avanços significativos no seu balanço econômico e social, sempre com olhos voltados para a promoção do ser humano.



COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL BOM JESUS



Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus

E-MAIL: bomjesus@bj.coop.br • SITE: www.bj.coop.br

TELEFONE: 41.3622-1515 • FAX: 41.3622-1901 • ENDEREÇO DA SEDE: RODOVIA DO XISTO BR 476 km 198



Fotos: Arquivo Ocepar

Mobilização cooperativista

Com o propósito de defender os interesses do cooperativismo, o Sistema Ocepar, juntamente com os dirigentes das cooperativas paranaenses e entidades parceiras, atua constantemente no âmbito dos poderes executivo e legislativo, seja na esfera nacional, estadual ou municipal. Essa agenda permanente de trabalho, estabelecida em sintonia com as demandas do setor, tem se traduzido em muitas conquistas obtidas por meio de formas variadas de mobilização que tem contribuído para viabilizar as atividades executadas pelas cooperativas e seus cooperados. Nesse processo são contabilizados resultados imediatos e outros progressos importantes que abrem caminho para a incorporação de propostas apresentadas pelo setor.

Em relação à cultura do trigo, houve avanço com a decisão do governo federal de prorrogar o prazo de vigência da nova classificação do trigo do dia 1º de julho de 2011 para 1º de julho de 2012. A nova data limite foi estabelecida

pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento (Mapa), por meio da Instrução Normativa (IN) nº 16, publicada no Diário Oficial da União do dia 07 de abril. "O alongamento no prazo foi solicitado pelo setor produtivo porque as variedades de sementes plantadas pelos triticultores ainda não estavam enquadradas na nova classificação, o que poderia prejudicar os produtores", afirmou o gerente técnico e econômico da Ocepar, Flávio Turra.

Os agricultores também vão ser beneficiados pelo novo padrão de classificação do milho, que deverá entrar em vigor a partir de julho de 2012. O assunto foi tema de reunião ocorrida nos dias 28 e 29 de abril, em Brasília, e deixou os representantes do cooperativismo paranaense satisfeitos pois os novos critérios vão possibilitar o enquadramento da maior parte da produção paranaense do cereal em um dos três tipos de classificação, contemplando pleito do setor. A proposta anterior do governo federal,

Sector contabiliza progressos obtidos por meio de ações desencadeadas em torno das propostas e pleitos defendidos junto ao poder público

que ficou em consulta pública por praticamente um ano, e cujo prazo para recebimento de sugestões expirou no último dia 5 de janeiro, estabelecia normas muito rígidas, excluindo dos padrões grande parte do milho cultivado no Estado. Diante do risco que isso poderia causar, representantes das cooperativas e dos produtores acompanharam as discussões sobre o tema e apresentaram suas proposições visando reverter o quadro. Agora, o setor produtivo aguarda a publicação oficial da Instrução Normativa com os requisitos que vão vigorar a partir do segundo semestre do ano que vem.

Crédito – Em relação ao crédito rural, o setor registrou um bom desempenho quanto à utilização dos recursos do Programa de Capitalização de Cooperativas Agropecuárias (Procap-Agro), com aplicação de R\$ 2,2 bilhões dos R\$ 2 bilhões previstos, o que significa 111% do total destinado pelo governo federal para a safra 2010/11. O Paraná se destaca por ter captado cerca de 40% da ver-

ba disponibilizada para todo o País. Em abril, a Ocepar liderou as negociações com o Ministério da Fazenda no sentido de promover ajustes no Procap-Agro e no Prodecoop (Programa de Desenvolvimento Cooperativo para Agregação de Valor à Produção Agropecuária) e aumentar os recursos, dos atuais R\$ 2 bilhões para R\$ 2,5 bilhões, para cada um dos programas, totalizando R\$ 5 bilhões. A decisão do governo sobre as propostas do setor deverá ser anunciada junto com as demais regras do Plano Safra 2011/12, a ser divulgado até junho.

O cooperativismo está ainda diretamente envolvido com as questões relacionadas à certificação de armazéns. No final do ano passado, o Mapa estabeleceu um novo calendário, concedendo mais prazo para que as unidades armazenadoras possam se adequar às novas regras de certificação. O

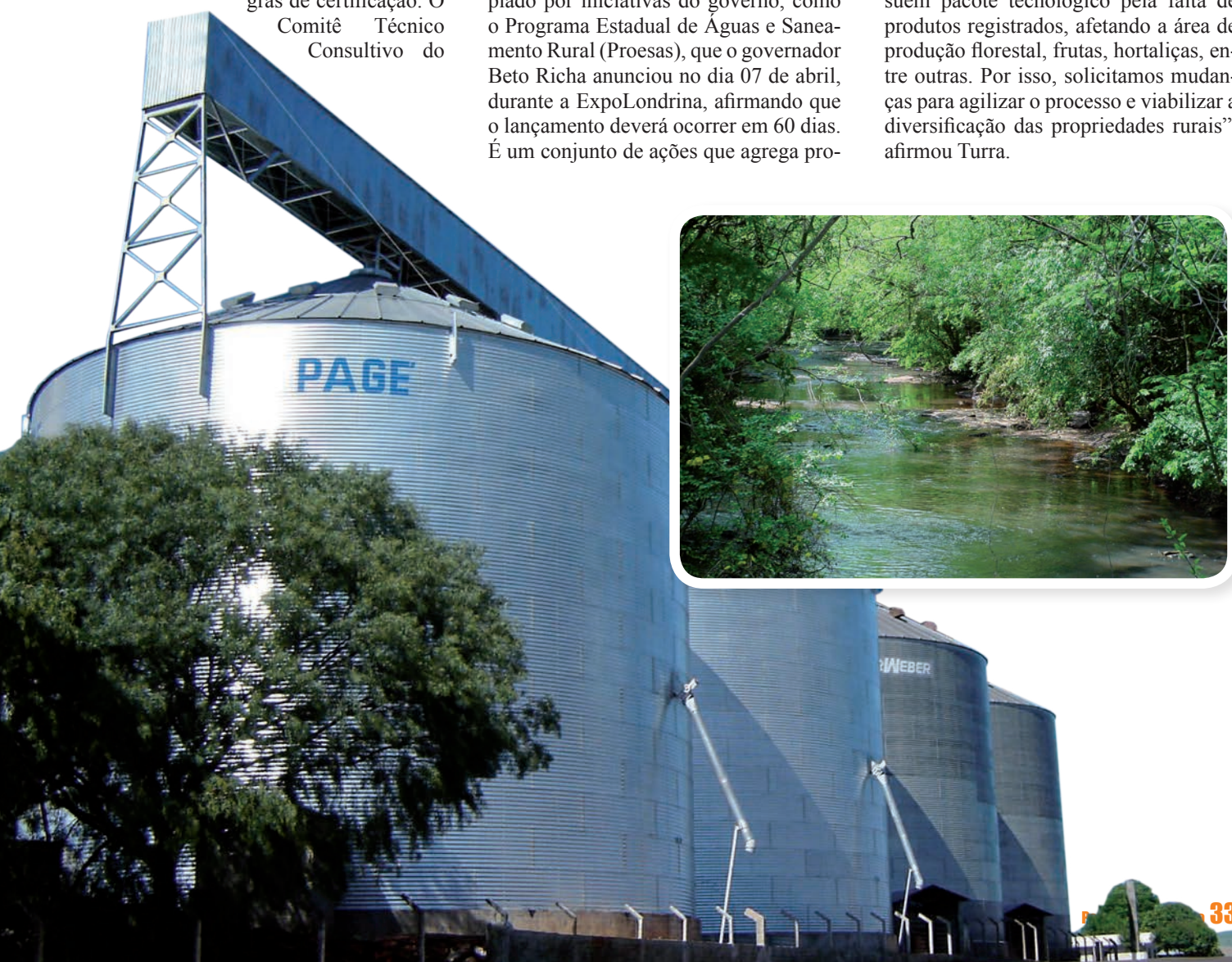
Comitê Técnico Consultivo do

Sistema Nacional de Certificação de Unidades Armazenadoras foi designado a fazer a revisão das normas. Neste ano, o grupo está realizando reuniões ordinárias mensais e, no último encontro, no dia 27 de abril, em Brasília, foi elaborada a redação dos requisitos técnicos que farão parte da nova Instrução Normativa sobre a Certificação de Unidades Armazenadoras que valerá para todo território nacional. O material foi enviado à apreciação da área jurídica do Mapa. A comissão consultiva é composta por um representante titular e um suplente da Ocepar, OCB, Abrapós, Confea, armazéns privados, Mapa e Conab. As cooperativas paranaenses Coamo, C.Vale e Cotriguaçu também tem participado das discussões.

Em âmbito estadual, o cooperativismo paranaense está sendo contemplado por iniciativas do governo, como o Programa Estadual de Águas e Saneamento Rural (Proesas), que o governador Beto Richa anunciou no dia 07 de abril, durante a ExpoLondrina, afirmando que o lançamento deverá ocorrer em 60 dias. É um conjunto de ações que agrega pro-

postas defendidas pelas cooperativas, como a compensação financeira para o produtor que preservar nascentes de água e a conscientização sobre manejo do solo. O setor tem participado dos debates que estão definindo detalhes sobre a operacionalização do programa.

O secretário estadual da Agricultura, Norberto Ortigara, anunciou, também no mês passado, a criação de um grupo de trabalho para revisar a legislação ambiental aplicada à agricultura. De acordo com ele, a primeira lei a ser revista deve ser a dos agrotóxicos, de 1983. A Ocepar tem exposto ao governo as dificuldades que o setor produtivo vem enfrentando devido à complexidade e demora do cadastro estadual de produtos agroquímicos, que repetem os procedimentos do registro nacional. “No Paraná, várias culturas ainda não possuem pacote tecnológico pela falta de produtos registrados, afetando a área de produção florestal, frutas, hortaliças, entre outras. Por isso, solicitamos mudanças para agilizar o processo e viabilizar a diversificação das propriedades rurais”, afirmou Turra.



Um novo rumo para o Sistema

Unimed

Singulares e Federação reveem as principais diretrizes estratégicas que norteiam a atuação das cooperativas médicas no Paraná

Nos próximos meses, as 22 cooperativas médicas que integram o Sistema Unimed no Paraná têm encontro marcado para discutir as principais diretrizes estratégicas que norteiam a atuação tanto das singulares quanto da própria Federação. O objetivo é traçar um novo rumo para o Sistema, alinhando ações e adaptando o Planejamento Estratégico das cooperativas médicas à atual realidade do mercado de Saúde Suplementar. “Em 2004, nós fizemos um trabalho com todas as singulares em que foram estabelecidas algumas diretrizes maiores. Mas agora, em 2011, achamos que temos que rever essas diretrizes, em função de mudanças de cenário ocorridas. Ou seja, precisamos replanejar o rumo para o Sistema de acordo com a realidade que se vive hoje”, destaca o presidente da Unimed Paraná, Orestes Barroso Medeiros Pullin.

As discussões em torno da redefinição das diretrizes estratégicas das cooperativas médicas paranaenses estão ocorrendo em encontros regionais. A agenda de reunião iniciou em abril e conta com a participação de cooperados, colabo-

radores e dirigentes das cooperativas. “A expectativa positiva em relação à participação está se confirmando, até porque estamos atendendo a um pedido do próprio Sistema. Esperamos que desses encontros surjam uma série de propostas, as quais serão consolidadas durante o Encontro Estadual das cooperativas médicas, que deve ocorrer em junho deste ano”, disse Pullin.

Na pauta de discussão estão assuntos importantes, entre os quais, a busca de novos modelos de remuneração para o cooperado, redução dos custos assistenciais, o estreitamento da relação entre médico cooperado e cooperativa e ainda a melhoria na qualidade de assistência aos beneficiários, frente às limitações impostas pela regulamentação do setor.

De acordo com o presidente da Unimed Paraná, revisar o Planejamento em conjunto com as cooperativas e cooperados, mostra o compromisso de envolvimento de todos os atores do sistema de forma transparente e participativa. “O planejamento estratégico é uma ferramenta de gestão que vem evoluindo muito. Aprendemos que para fazer planejamen-



to não basta só boa vontade. Precisa de metodologia adequada que envolva de forma responsável as pessoas que participam das organizações e que resulte efetivamente em crescimento sustentável, ajudando o trabalho dos responsáveis diretos pela gestão”, afirma.

Para os diretores da Federação, realizar encontros para repensar o Sistema Unimed de forma estratégica reforça o compromisso de todos no fortalecimento e profissionalização de gestão na Saúde Suplementar no Paraná. Além disso, essa revisão demonstra o quanto a gestão das cooperativas está avançada para enfrentar e prevenir mudanças no mercado da Saúde Suplementar.

Fotos: Assessoria Unimed PR



Odontomóveis: frota é ampliada

Expansão nos negócios estimula novos investimentos na Uniodonto Curitiba; alvo agora é ampliar o número de unidades móveis

O crescimento do número de beneficiários da Uniodonto Curitiba, que hoje chega a mais de 327 mil, fez com que a cooperativa ampliasse sua frota de veículos, principalmente os conhecidos como Odontomóveis. Eles são dotados de um consultório odontológico e utilizados para prestar atendimento de conscientização e prevenção de saúde bucal às empresas clientes ou não da Uniodonto.

Até o início deste ano eram dois Odontomóveis. Agora são cinco, que prestarão atendimento por todos os lugares, não só em Curitiba ou Paraná e sim onde for necessário. Todos os cinco veículos receberam plotagem nova e estão prontos para atendimento.

Além do consultório para avaliações bucais, os novos equipamentos instalados nos Odontomóveis têm atraído a atenção dos colaboradores das empresas que recebem os veículos. Há haste para TV de 42 polegadas e videogame Nintendo wii, mesa com notebook, ar condicionado, além dos equipamentos odontoló-

gicos, itens de última geração. Os últimos quatro anos marcaram o crescimento nos negócios da cooperativa, o que influenciou diretamente nas novas aquisições. “Como temos fechado grandes contratos, a ampliação foi uma consequência natural. Assim poderemos continuar atendendo as solicitações com qualidade, que sempre foi a nossa marca”, explica o supervisor Adriano Bueno.

Palestras - A Uniodonto oferece diversos temas de prevenção e promoção de saúde bucal, que podem ser aplicados com a visita do Odontomóvel. A empresa pode escolher o tema de acordo com suas necessidades e disponibilidade de tempo. As palestras são ministradas por uma equipe altamente capacitada, buscando esclarecer todas as dúvidas referentes à saúde bucal e bem-estar, além da prevenção e conscientização dos colaboradores.

Regularmente, a Uniodonto também participa das Semanas Internas de Prevenção de Acidentes do Trabalho (SIPATs). Durante a semana, a coopera-

tiva disponibiliza o Odontomóvel para a realização de exames preventivos para os funcionários.

Segundo o diretor clínico da Uniodonto Curitiba, Eduardo Carrilho, a Uniodonto mantém um relatório, em que as empresas são analisadas para receber periodicamente o Odontomóvel, não se restringindo somente às SIPATs. Além deste trabalho, também são realizadas palestras, com técnicas corretas de escovação, e outros métodos para a manutenção da higiene bucal.

“O Odontomóvel é equipado conforme um consultório odontológico. Nas visitas às empresas além do cirurgião-dentista há a presença de uma consultora”, explica o coordenador comercial, Elson Vitorino de Souza. “O objetivo do Odontomóvel é a orientação voltada à saúde bucal dos trabalhadores”, define.

A Uniodonto também faz uso dos veículos para ações voltadas à responsabilidade social e prospecção de novos beneficiários.



Seguros Sicoob em rota de expansão

Desafio para 2015 é atingir R\$ 52 milhões em Prêmio e gerar R\$ 9,8 milhões em comissões

O crescimento no mercado de seguros deixa o Sicoob Paraná ainda mais otimista em relação às metas de expansão para os próximos anos. Dona de uma carteira com 17.308 cooperados/clientes, a Corretora de Seguros do Sicoob PR, também conhecida por Sicoob Seguros, alcançou em dezembro de 2010 um total de R\$ 16,7 milhões em “Prêmio Produzido”, resultando em R\$ 2,7 milhões em comissões, valor que, indiretamente, retornou aos cooperados. Diante destes números, a diretoria do Sistema assumiu como desafio atingir, em 2015, a expressiva cifra de R\$ 52 milhões em Prêmio e R\$ 9,8 milhões em comissões geradas. “O índice de penetração da venda na base de cooperados atualmente chega próximo a 23%, porém, o objetivo, pelos benefícios oferecidos aos cooperados, é alcançar um percentual ainda maior”, estima o presidente Corretora Sicoob Seguros, Fábio Luiz Agnolin.

Em operação desde maio de 2006, o Sicoob Seguros surgiu em resposta a solicitação das cooperativas filiadas do Sistema de ter no âmbito do Sistema a sua própria corretora de seguros, am-

pliando, desta forma, a gama de produtos da instituição. O foco do seu negócio é intermediar e administrar a prestação de serviços de seguros às cooperativas e seus cooperados. “O atendimento às necessidades dos cooperados, até então restrita a intermediação financeira e concessão de crédito, estendeu-se ao serviço de seguridade, propiciando vantagens competitivas em benefício do próprio associado”, ressalta Agnolin.

A Corretora concentra suas vendas em cinco seguradoras âncoras (Mapfre, HDI, Liberty, Bradesco e Centauro), no entanto, preserva a opção de contratar seguros em mais de 20 outras companhias Seguradoras. Seu portfólio abrange todos os tipos de ramos de seguros, tais como: vida, auto (au-
t o m ó -

veis e caminhões), ramos elementares (empresariais, residenciais, responsabilidades civil, e outros) e previdência privada.

Sicoob Paraná – O Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob) iniciou as atividades no Paraná em 2002. No estado, hoje, somam-se 19 unidades singulares, 70 postos de atendimento e 74 mil cooperados/clientes.

SICOOBSEGUROS
Corretora Sicoob PR





R\$ 2,5 milhões em prêmios

Campanha Força Premiada do Sicredi terá sorteios de veículos, aparelhos eletrônicos e raspadinhas com 100 mil brindes

Ampliar a interação entre o associado e a cooperativa, incrementando os negócios, é o objetivo da nova Campanha Força Premiada do Sicredi. Lançada em abril, em dez estados brasileiros, a ação irá distribuir R\$ 2,5 milhões em prêmios. Para participar, o associado deve utilizar os produtos e serviços que incluem o Poupedi Sicredi, fundos de investimento, cartões de débito e crédito, seguros, previdência, consórcios, entre outros. Cada valor específico em operações financeiras realizadas por meio desses produtos gera um cupom para concorrer em sorteios.

Segundo o superintendente de Desenvolvimento da Central Sicredi PR, Maroan Tohmé, a finalidade da ação é estimular a aproximação com os cooperados. "É uma iniciativa que valoriza o nosso associado e dará um impulso a mais na interação com a cooperativa", afirma. "Nossas 340 unidades já estão preparadas para orientar os cooperados

sobre o regulamento da Promoção", explica. "É uma nova demonstração do alcance e da força do cooperativismo", conclui Tohmé.

Sorteios - De abril a dezembro, serão realizados 473 sorteios, quatro em cada cooperativa do Sistema, premiado os associados com TV's, notebooks, motocicletas, videogames e, no sorteio final, em dezembro, cinco picapes Toyota Hilux. As operações também garantem ao associado tentar a sorte com as raspadinhas, que dão direito a prêmios como camisetas, bolas de vôlei, canecas, bonés, bolsas térmicas, pen-drives e até iPods, totalizando mais de 100 mil itens.

A expectativa do Sicredi, com a iniciativa, é gerar 22 milhões de cupons nos oito meses da campanha. A Promoção Força Premiada Sicredi também é válida para novos associados. E apoia-se nas principais datas comemorativas do ano, sorteando os prêmios no Mês das

Mães, dos Namorados, dos Pais e das Crianças, além do grande sorteio final, próximo ao Natal.

Informações - Mais informações podem ser obtidas nas unidades de atendimento do Sicredi ou no site www.forcapremiadasicredi.com.br, onde o associado poderá conferir os prêmios disponíveis, bem como a divulgação dos resultados após os sorteios e o regulamento completo da Promoção.

Foto: Assessoria Sicredi PR

Copacol e Coagru **juntas**

Cooperativas unem forças na produção e abate de aves e confirmam sociedade na BFC Alimentos S/A

A Copacol e a Coagru selaram uma parceria inédita no cooperativismo paranaense. Responsável por 1,22% da produção brasileira de frango, a Copacol, de Cafelândia, adquiriu 50% das ações da BFC Alimentos e que pertenciam a Big Frango (grupo Agrícola Jandelle Ltda.). Os outros 50% são da cooperativa Coagru, de Ubitatã, PR. Os dois municípios ficam a 50 quilômetros um do outro no Oeste do estado.

A transação, estimada em R\$ 22,5 milhões, foi deliberada em Assembleia Geral de Acionistas e em reunião do novo Conselho de Administração, ambas realizadas no dia 13 de abril, no canteiro de obras do matadouro de aves que está em construção, na BR 369, Km 439, em Ubitatã, Paraná. Na oportunidade também foi eleita a nova diretoria executiva da BFC, tendo como presidente Valter Pitol e como vice-presidente Claudemir Cavallini.

O frigorífico da BFC Alimentos, projetado para o abate de até 300 mil aves ao dia, vinha sendo construído pela

Coagru e pela Big Frango, indústria de Rolândia (Norte) que abate 350 mil aves ao dia e expande negócios no Mato Grosso. Agora, a participação da Big Frango será assumida pela Copacol. A previsão é que o novo abatedouro comece a funcionar no segundo semestre de 2012, com uma produção inicial de 160 mil frangos ao dia. A união de duas cooperativas inclui também uma fábrica de rações com capacidade para 30 toneladas por hora.

O presidente da Copacol, Valter Pitol, lembra que as duas cooperativas já tiveram uma parceria até 2008 na criação de frangos e agora voltam a ser parcerias. “Tivemos a oportunidade de realizar a compra das ações da BFC, concretizando o negócio em um momento estratégico e importante para nós. Planejamos o crescimento da atividade para que os produtores possam aumentar a sua produção com segurança e rentabilidade”, afirma Pitol.

100% cooperativo - O presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslo-

vski, diz que a parceria é extremamente positiva para o cooperativismo paranaense. “A negociação torna o empreendimento 100% cooperativo, fortalecendo a posição do cooperativismo na área do frango”, afirma. Outro aspecto positivo, na avaliação de Koslovski, é que a negociação está inserida na proposta defendida pelo Sistema Ocepar para que haja mais aproximação e interação entre as cooperativas. “Isto é necessário para que nós tenhamos dentro do setor a execução de investimentos com maior porte e valor agregado para que efetivamente os resultados possam vir em benefício de milhares e milhares de cooperados. Então, ficamos extremamente satisfeitos e felizes com essa parceria entre a Copacol e a Coagru que, certamente, irá render frutos valiosos, não somente para o cooperado, mas também para toda a região, porque o cooperativismo tem o dom de, além de gerar emprego, distribuir renda e viabilizar o agricultor na sua área de atuação”, diz.





Cenário

econômico do Brasil

Para Juan Jensen, da Tendências Consultoria, o quadro não é ruim, mas o País está perdendo a oportunidade de crescer 6% ao ano

Após anos de estabilidade, o Brasil voltou a conviver com preocupações acerca da inflação. "Atualmente, esse é o principal problema da economia brasileira. Nos próximos meses, ela deve arrefecer, mas a meta estabelecida pelo governo para o ano está perdida. Projetamos alta de 6,6% para 2011. A convergência deve se dar, na melhor das hipóteses, em 2012, para o qual projetamos alta de 5,2%", afirmou o consultor da Tendências Consultoria Integrada, Juan Jensen, no dia 28 de abril, durante o Fórum Financeiro 2011. O evento, promovido pelo Sistema Ocepar, na sede da organização, em Curitiba, contou com a presença de 80 participantes, entre diretores, gerentes e analistas das cooperativas do Paraná, profissionais de instituições financeiras e de outras entidades parceiras. Uma semana depois, no dia 6 de maio, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) informou que a inflação oficial, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), em 12 meses, atingiu 6,51%, ultrapassando a meta de 2011, que tinha como centro 4,5% e limite de 6,5%.

Convidado a traçar o cenário macroeconômico brasileiro no Fórum, Jensen afirmou que, nos últimos seis meses,

a inflação foi muito elevada, registrando valor acumulado de 4,72%. "A alimentação teve forte impacto, mas a alta é generalizada. Os preços dos serviços subiram 8,5% em 12 meses. É muita coisa. Abril foi mais um mês de inflação elevada, mas o pior momento está passando. As taxas devem baixar, mas o risco é o governo relaxar quando isso ocorrer", acrescentou.

Câmbio - Sobre o câmbio, Jensen acredita que nos próximos quatro a seis meses, o câmbio mantém-se entre R\$ 1,55 e R\$ 1,60, devendo chegar a R\$ 1,70 no final do ano. Ele lembrou que no mundo todo está havendo uma valorização das moedas, inclusive do Real, frente ao dólar. "No curto prazo, isso tem origem na percepção de que os juros nas economias desenvolvidas devem permanecer baixos por mais alguns trimestres, principalmente nos Estados Unidos. No médio prazo, a redução de liquidez internacional, com a elevação dos juros por parte dos norte-americanos e a reversão dos nossos termos de troca, devem valorizar o Real. Projetamos desvalorização real de 3% ao ano entre 2012 e 2014", disse.

Juros - Já em relação aos juros, a Tendências Consultoria avalia que, so-

mente com a convergência da inflação em direção às metas, é que as taxas voltarão a cair, em 2012. "Projetamos queda para 12,5%, ao final de 2012, e de 11% para o final de 2013. Os juros reais devem subir 5,1% nesse ano e 7,5%, em 2012, e só devem voltar a cair em 2013, para 6,3%", afirma o consultor. Ainda de acordo com ele, a situação fiscal do País deve melhorar no curto prazo.

Crescimento - O consultor encerrou sua participação no Fórum Financeiro com uma mensagem otimista. "Não quero deixar uma má impressão sobre o futuro do País. O cenário econômico não é ruim, mas o Brasil está perdendo a oportunidade de ter um crescimento brilhante de 6% ao ano". De acordo com ele, o PIB (Produto Interno Bruto) cresceu 7,5% em 2010 e a projeção para 2011, já contabilizando a desaceleração da economia, é de 3,9%. "Apesar disso, temos que lembrar que esse índice está entre os melhores dos últimos 30 anos, bem acima da média desse período, que foi de 2,7%", frisou. Ainda de acordo com o consultor, o Brasil deverá apresentar um crescimento econômico de 3,7% em 2012 e índices mais robustos a partir de 2013 e 2014.

Alemanha: estreitar relacionamento

O gerente de produto e coordenador educacional da Academia das Cooperativas Alemãs (ADG, sigla em alemão), Stefan Daferner, encerrou sua visita ao Sistema Ocepar, em Curitiba, no dia 03 de maio, com a expectativa de intensificar o relacionamento entre as duas entidades. "Esperamos poder estreitar esses laços de intercooperação iniciados com a visita de dirigentes daqui na Alemanha, com a realização de mais troca de experiências entre as entidades e, quem sabe, aprofundar temas mais específicos como gestão de cooperativas e treinamentos no preparo dos profissionais", frisou. Ele passou dois dias no Estado e também conhe-

ceu a sede da Sicredi Paraná. Depois, Daferner partiu para Porto Alegre e Brasília, onde se reuniu com lideranças da OCB e do Sescop.

A ADG é um instituto de formação que funciona no Castelo de Montabaur, cidade alemã localizada no distrito de Westerwaldkreis, estado da Renânia-Palatinado. A Academia já recebeu três turmas do Programa Internacional de Formação de Executivos e Líderes Cooperativistas, desenvolvido pelo Sescop/PR, em parceria com o Sebrae Paraná, Sebrae Nacional e Pre-



sidência da República e que conta ainda com apoio de parceiros estrangeiros, entre eles, a Confederação Alemã de Cooperativas.

Ocepar recebe grupos estrangeiros

Comitiva da Sancor Cooperativa de Seguros Ltda, com sede em Sunchales, estado de Santa Fé, Argentina, formada por 22 cooperativistas do país vizinho, esteve no Paraná para conhecer a estrutura e a atuação do cooperativismo paranaense, principalmente nos ramos agropecuário, crédito e saúde. A visita foi iniciada no dia 04 de abril, na sede do Sistema Ocepar, em Curitiba, quando o grupo foi recebido pelo presidente da organização, João Paulo Koslovski. O secretário estadual da Indústria, Comércio e Assuntos do Mer-

cosul, Ricardo Barros, também prestigiou o encontro e falou sobre as possibilidades de sinergia entre o Paraná e as cooperativas argentinas.

A comitiva passou uma semana no Estado e esteve também nas cooperativas paranaenses Sicredi, Unimed, Castrolanda, Batavo, Cocamar, Sicoob, Coamo, Copacol, C.Vale, Copagrill, Sicoob Oeste, Coodetec, Coopavel, Frimesa e Lar.



Sudão – Já no dia 24 de abril, a Ocepar recebeu um grupo da República do Sudão. Eles foram recepcionados pelo superintendente adjunto, Nelson Costa, e pelo analista técnico Gilson Martins, que fez uma explanação sobre o sistema cooperativista ao grupo de norte-africanos. Além de conhecer o trabalho desenvolvido pelas cooperativas, os suda-

neses solicitaram informações visando a possibilidade de estabelecer uma transferência de conhecimentos entre os dois países. Entre os visitantes estavam o diretor geral do Ministério da Agricultura de Khartoum, capital do Sudão, Tag Eddin Osman Saeed; o diretor da CTB Brazilian e Importação de Máquinas Ltda, Abzar Yusif M. Ali; o diretor de Relações Internacionais do Estado de Khartoum, Osama Faisal El Sayed Alim, e o presidente da Leader Technology, Fadul Mohamed Khair.



Embaixador no Nepal conhece a Frimesa

O embaixador do Nepal no Brasil, Pradhuma Bikram Shah, conheceu a estrutura da Frimesa, no dia 05 de maio, em Medianeira, durante visita realizada à sede da cooperativa, em companhia do superintendente Federal do Ministério da Agricultura (Mapa) no Paraná, Daniel Gonçalves

Filho. O diplomata se reuniu com o presidente Valter Vanzella e equipe gerencial demonstrando interesse principalmente nas atividades de controle de qualidade, sanitário e segurança alimentar adotado nas cadeias produtivas de suínos e de laticínios. Bikram Shah disse que, em seu país,

o frango depois a carne suína, estão entre as carnes mais consumidas, o que possibilita uma conexão comercial entre os dois países. A visita foi organizada pelo Mapa com objetivo de estreitar relacionamento entre os dois países e promover o agronegócio do estado.

Cocari tem novo complexo industrial

A Cocari - Cooperativa Agropecuária e Industrial, com sede em Mandaguari, Noroeste do Paraná, inaugurou, no dia 16 de março, as instalações de seu complexo industrial, que abrange duas fábricas de rações (construção e ampliação), modernização das Fiações, as áreas de fomento e de administração e as instalações do Centro de Treinamento Avícola (CTA). Os investimentos ultrapassaram R\$ 46 milhões, sendo 52% de recursos próprios e 48% financiados. A cooperativa completou

49 anos no dia 7 de fevereiro e o balanço dos últimos dez anos é altamente positivo. O quadro de colaboradores da cooperativa saltou de 600 para 1.089. O faturamento, que era de R\$ 60 milhões, fechou 2010 com R\$ 530 milhões. A meta para o futuro é ousada, com projeção de R\$ 630 milhões para 2011, e para 2015, o objetivo é atingir R\$ 1 bilhão.



Agrária comemora 60 anos de tradição

A Cooperativa Agrária completou 60 anos de fundação no dia 05 de maio e comemora a data em evento realizado no Centro Cultural Mathias Leh, em Guarapuava, no Distrito de Entre Rios, que contou com a presença de cooperados, colaboradores, autoridades locais e lideranças do cooperativismo, entre elas, o presidente do Sistema Ocepar, João Paulo Koslovski.

A cooperativa hoje é a maior geradora local de empregos, com cerca de 1.200 postos de trabalho - sem contar dezenas de empregados temporários. As áreas cultivadas pelos 550 cooperados alcançam aproximadamente 105 mil hectares no verão (milho e soja) e outros 55 mil hectares no inverno (tri-

go e cevada), abrangendo as regiões centro-sul, centro-oeste e central do Paraná. Safras com produtividade acima da média nacional, como na cevada (em 2010, média de 4.084kg/ha), são destinadas a três entrepostos: as unidades Vitória, Pinhão e Guarapuava detêm espaço para cerca de 670 mil t.

Produção elevada - Em 2010, as quatro indústrias da Agrária tiveram elevada produção - Agromalte, 218 mil toneladas; Fábrica de Rações, 128 mil toneladas; Moinho de Trigo, industrialização de 133 mil toneladas; e Indústria de Óleo e Farelo de Soja,

483 mil toneladas. Com base num programa de gestão profissional, em pesquisa agrícola e em parcerias internacionais, a Agrária faturou ano passado R\$ 1 bilhão.



Cooperativas na Mercosuper

Quatro cooperativas do Paraná participam da Mercosuper 2011 - 30ª Feira e Convenção Paranaense de Supermercados, promovida pela Associação Paranaense de Supermercados (Apras), entre os dias 11 e 13 de abril, no Expotrade, em Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba. Foram elas, a Coamo, de Campo Mourão; Copacol, de Cafelândia; Frimesa e Lar, de Medianeira, que divulgaram suas linhas de produtos de varejo, com lançamentos e

novas identidades visuais. O setor vem investindo de forma crescente na industrialização da produção recebida de seus cooperados, verticalizando seus processos, gerando mais agregação de valor e fortalecendo suas marcas. Atualmente, as vendas no varejo já representam cerca de 25% do faturamento das cooperativas agropecuárias do Estado, de acordo com dados da Gerência Técnica e Econômica da Ocepar (Getec).



Evento da C.Vale atrai 1.500 mulheres

Mais de 1.500 mulheres participaram, no dia 30 de março, na Asfuca, em Palotina, Oeste do Estado, da palestra "Mulheres, suas Dores e seus Amores", ministrada pelo médico ginecologista e obstetra Malcolm Montgomery no 12º Seminário da Mulher promovido pela cooperativa C.Vale. Conhecido como o médico das estrelas, por atender pacientes ilustres como Hebe Camargo, Adriana

Galisteu e Ana Hickmann, Montgomery misturou seus conhecimentos de medicina, psicologia, poesia e música para falar sobre a saúde física, mental e social da mulher, desde a infância, passando pela adolescência, maturidade até o envelhecimento. Para ele, é importante que os mais jovens visualizem o futuro e os mais maduros relembrem o que foi e é importante para construção de valores e felicidade.



OCB lança Agenda Legislativa 2011

A Organização das Cooperativas Brasileiras e a Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop) lançaram, no dia 22 de março, em Brasília, a quinta edição da Agenda Legislativa do Cooperativismo. A cerimônia, que contou com a presença do ministro do Trabalho e Emprego, Carlos Lupi, do presidente da Câmara dos Deputados, deputado Marco Maia, e do coordenador do Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Roberto Rodrigues, entre outras autoridades, reuniu cerca de 400 pessoas, entre líderes cooperativistas, parlamentares e representantes do governo e de outras instituições. Na oportu-

nidade houve ainda a reinstalação da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop). Também prestigiaram o evento os integrantes do Programa

Internacional de Formação de Executivos e Líderes Cooperativistas promovido pelo SESCOOP/PR em parceria com outras entidades.





**Faça chuva
ou faça sol,
renda segura
e programada.**



www.cvale.com.br

VIII Prêmio OCEPAR 2011 de Jornalismo



Evolução econômica e social das cooperativas paranaenses em quatro décadas

Matérias publicadas ou veiculadas entre
1º de agosto de 2010 a 11 de julho de 2011

Prazo final para inscrições de trabalhos:
11 de julho de 2011

Iniciativa:



Patrocínio:



Apoio:

